

416

DIRECTOR  
ARMANDO  
VIEIRA  
PINTO

23

*Movimento*

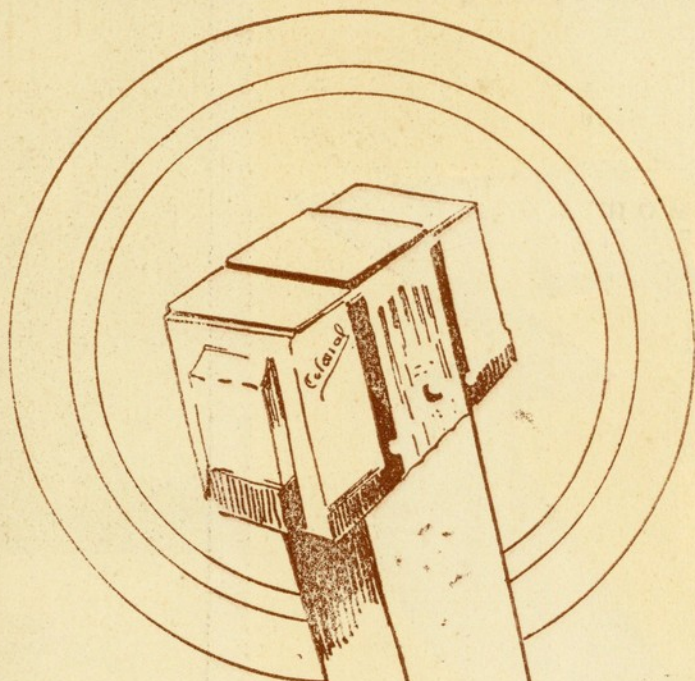
QUINZENARIO  
— CINE —  
MATOGRAFICO

1\$50

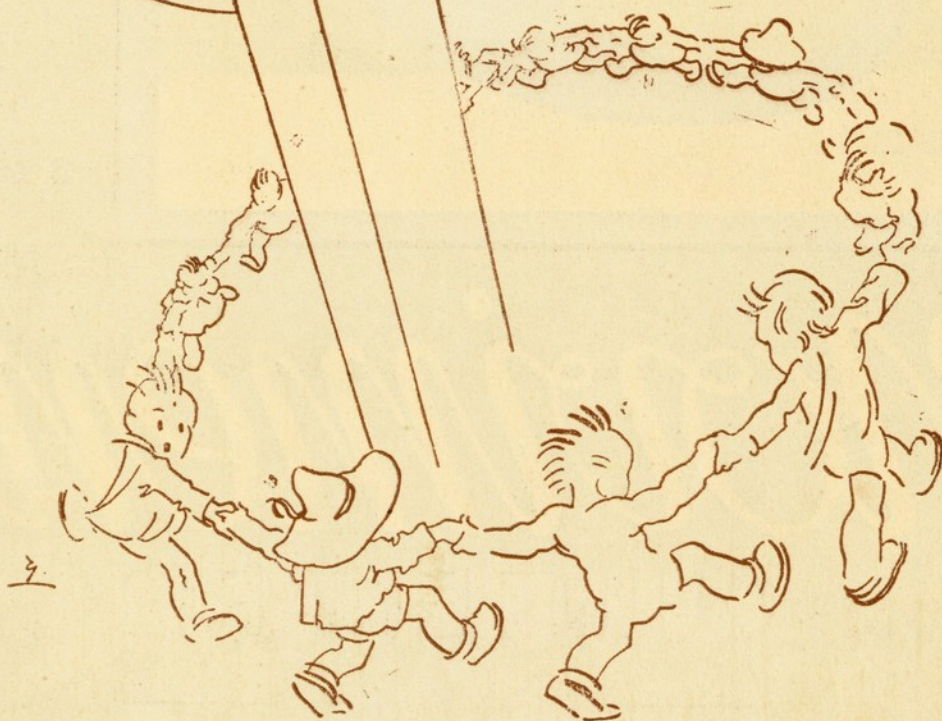


# COLOSSAL RADIO

---



Um aparelho  
pequeno que  
é um grande  
aparelho.



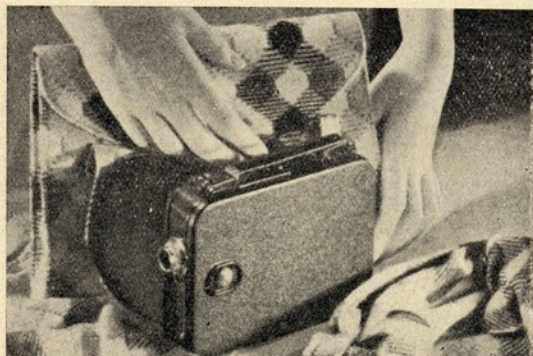
**Sociedade Comercial Luzo Americana, L.<sup>da</sup>**

LISBOA -- Rua da Prata, 145

PORTO -- R. Sá da Bandeira, 339



*Visar... premir um botão... e  
serão vossas para sempre as  
mais belas horas de felicidade*



*Elegante e leve, a-pesar-da sua solidez, o  
Cine «Kodak» Oito pode ser transportado  
numa mala de senhora ou na algibeira  
dum casaco*

Todos os que amam  
a VIDA, podem obter  
imagens VIVAS com um

## CINE 'KODAK' OITO

*o aparelho de cinematografia de amator que, graças a um novo processo de  
Kodak, reduz a menos de metade o gasto da película. Peça informações nas  
boas casas da especialidade.*

**KODAK LTD. — RUA GARRETT, 33 — LISBOA**





Ó MAUREEN  
O'SULLIVAN!  
COM QUE TINTA  
PINTOU O SEU  
B A R C O ?

ORA! COM

**MURALINE**

TINTA A ÁGUA

---

MÁRIO COSTA & C.A, L.<sup>DA</sup>  
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º  
TELEFONE, 2571 — PORTO



# Projectos

Anda prenhe de esperanças o horizonte da produção cinematográfica nacional. Coisas pairam no ar, os projectos fervem, os velhos *Castelos em Espanha* erguem-se. Sonha-se acordado e em voz alta. Sonha-se e espera-se.

Oxalá os sonhos se realizem, os rutilantes *Castelos* se consolidem, as esperanças se não percam, mais uma vez. Sinceramente o desejamos, por uma questão de sensibilidade e por uma questão de inteligência. Como sempre, o nosso apoio aqui está, às ordens de quem queira aproveitá-lo e presá-lo, desde, é claro, que o fim a atingir e os processos usados para isso, não estejam em desacôrdo com a nossa maneira de ver e entender as coisas. Esse nosso modo de pensar pode não ser o melhor, pode mesmo nem sequer ser bom. Mas é o nosso. E, já agora, não há nada a fazer-lhe.

*Gado Bravo*, filme do Bloco H. da Costa, está pronto. Dentro de breves dias será apresentado ao público, começará, verdadeiramente, a correr a sua sina.

Confiadamente esperamos que esta seja próspera e feliz. Independentemente do valor cinematográfico que não pode deixar de ter um filme super-visado por Nosseck, realizado por António Lopes Ribeiro e fotografado por Gärtner, o esforço dispendido por H. da Costa para a produção do *Gado Bravo* merece o aplauso e o carinho do público. Esse esforço foi tremendo! Tremendo pela duração, pela iniciativa, pela perseverança. Acima de tudo, pela perseverança.

Certo e sabido é, ser qualidade nossa a entusiástica e rápida exaltação, capaz de nos atirar às estrêlas, ou de nos aniquilar, num momento. Desde sempre, fomos os apaixonados constantes da Aventura. Tôdas as grandes coisas do nosso povo foram filhas de um arranço de súbita audácia, sonhadas num minuto, realizadas noutro minuto. A vontade pertinaz e metódica, que lentamente mas seguramente caminha, hoje afastando um obstáculo, amanhã galgando um novo degrau, e em marcha progressiva e tenaz atingindo o ponto visado, essa não quadra nem ao nosso carácter impulsivo nem à nossa inconstância impaciente de meridionais.

E foi essa vontade e essa pertinácia que teve de manter H. da Costa para fazer o seu filme, um filme a sério, capaz de ser exibido em tôda a parte, vencendo pelas suas qualidades reais — não um filme destinado a ser agüentado na sua exibição, apenas por um triste delírio momentâneo de patriotismo barato, ou pela covilheira curiosidade nacional.

Foi essa vontade firme de todos os momentos que teve de possuir — e manter! — H. da Costa para se defender vitoriosamente — e isto é triste, deprimente e vergonhoso — contra a con-

corrência mesquinha e suja descendo a todos os processos e usando de tôdas as armas, desde a frase empolada à piada saloia, desde a calúnia murmurada em ar compungido e triste de clérigo na quaresma, à carta anónima covarde escrita com tinta barata e a letra disfarçada.

Possivelmente, na hora luminosa e próxima do triunfo, H. da Costa perdoará. Pela nossa parte, guardaremos presente aquilo que sabemos. Talvez nos seja isto um útil argumento para aqueles que, optimistas, inconscientes e fáceis nos venham atacar por que não trilhamos os mesmos caminhos, nem achamos suficiente a existência comprovada de um Vasco da Gama ou de um Fernão Mendes Pinto para daí se tirar como corolário que possuímos em Portugal tôdas as actividades necessárias para se fazer um bom filme.

Do lado da Tobis também os projectos fervilham. Após o desastroso Relatório de Contas publicado e aprovado numa Assembleia Geral que terminou — sans blague! — por um voto de louvor à Direcção cessante, a Empresa da Quinta das Conchas vai mudar de orientação. Fala-se em produzir filmes de pequena metragem. Fala-se em chamar Leitão de Barros. Fala-se em mandar vir um super-visor estrangeiro. Folgamos com estas resoluções, porque elas nos mostram que os novos Administradores pensam como nós. Simplesmente, continuamos temendo pelos destinos da Companhia. Nós somos daqueles que teem mais fé nos feios números do que nas lindas palavras. Continuamos a supor a situação, perfeita e claramente angustiosa.

Sinceramente desejamos, porém, que as coisas mudem. Só então, após essa mudança que desejamos e esperamos radical, passaremos a fazer parte desse grupo eufático e orgulhosamente formado, na mente dum jornalista facilmente desvairável, por *todos os cinéfilos de Portugal, que teem a máxima constância nos novos Administradores da Tobis e esperam que seu do esforço desinteressado nasça, finalmente, o decantado Cinema Português.*

Pela nossa parte, não pedimos tanto. Basta-nos que os Accionistas não percam o seu dinheiro, e entendemos que o esforço para isso não deve ser desinteressado, mas sim remunerado, como é justo, lógico e prudente.

«Lisboa-Filme» apetrecha-se. Um grupo formou-se, para filmar o «Reposteiro Verde». «Cine», um novo colega, apareceu, com um programa sedutor. Não menos simpáticos são os projectos da «Editora Cinematográfica». Oxalá triunfem.

Pela nossa parte, repetimos. A nossa simpatia e o nosso apoio aqui ficam, às ordens de todos os que são honestos e querem trabalhar.

Armanda Vieira Pinto



# Palavras-inúteis para um Excelentíssimo Senhor

EXCELENTÍSSIMO SENHOR:

Tenho muitos amigos e conhecidos. Não lho conto por basófia, para que me dê os parabens, com sorrisinho de snob hipocrisia, nem tampouco para que me diga, agastado, que não tem nada com isso. Conto-lho porque entendo que vem para o caso.

E, para os devidos efeitos, posso dividir os meus amigos e conhecidos em duas grandes categorias, que definirei deste modo:

A primeira é formada por aqueles que me dizem: « não deixes de ir ao S. João ver o *Henrique VIII* », — e eu fico com vontade de ir ao S. João;

A segunda, por todos os que me começam a contar maravilhas de uma lita, e eu nem sequer lhes pergunto de quem é a tal *maravilha* — se do Mojica, se do Chevalier, porque, se a coisa não for destes, há de ser uma malfeitória semelhante a qualquer daquelas em que estes senhores costumam andar metidos.

(Nesta altura, meu Excelentíssimo Senhor, estou a adivinhar o ar enojado com que me supõe um refinadíssimo malcriado para os meus amigos e conhecidos, por esta forma relegados à segunda categoria. Mas tenha a bondade de andar para a frente, até que eu me coloque também numa categoria semelhante).

Tenho um amigo que, para quasi todos os efeitos, coloco sempre na primeira categoria. Em se tratando, porém, de poesia, o caso muda de figura: — ele diz-me maravilhas de Supervielle, (por exemplo), e eu fico sabendo que não me vale a pena tentar ler Supervielle, que por força há de ser um autêntico poeta modernista, porque não o entenderei, melhor, não *sentirei* a sua poesia, por minha verificada incapacidade para tal.

(Eis porque, completando o primeiro parêntesis, não devem ficar ofendidos comigo os amigos que deixei classificados em segunda categoria).

Ora foi precisamente este amigo que me anunciou um « inquérito cinematográfico inteligentemente organizado pelo *Noticias Ilustrado* », chamando para ele a minha atenção, uma semana antes de começarem a ser publicados os respectivos depoimentos. Tratei de fazer com que me reservassem, no quiosque aqui do lado, um exemplar de cada um dos números do *Ilustrado* em que viessem publicadas as respostas ao tal inquérito, que me fora anunciado como digno de interesse. Mas... desisti ao terceiro número dessa série. Porque? Ora porque havia de ser: porque, ao lado de coisas anódinas, respeitáveis ou não, eu não encontrei, nesses três números, mais do que duas respostas: — a de José Régio, que respondeu uma só vez e muito bem, e a de V. Ex.<sup>a</sup>, meu Excelentíssimo Senhor, repetidas vezes, ora com um nome, ora com outro, nenhum pseudónimo, é certo, mas sempre do *Excelentíssimo Senhor* que faz a unidade plural de todos esses nomes, como na Santíssima Trindade.

E calculando que, por uma questão de parentesco que existe entre o *Ilustrado* e o outro *Noticias*, o Sr. Leitão de Barros fôsse obrigado a aturar todos os nomes, respeitáveis ou não, com ou sem veneras e comendas, sócios ou não sócios do super-Excelentíssimo Senhor Dantas, toda a procição dos que fazem parte de V. Ex.<sup>a</sup>, meu Excelentíssimo Senhor, — desisti de continuar a leitura do inquérito, porque o que V. Ex.<sup>a</sup> pensa, disse, diz ou dirá, ácerca, de cinema, já é do meu conhecimento: — é asneira... (Perdão! Tenha a bondade de andar para a frente e verificar que não o quis ofender) — é asneira, como asneira seria, e da grossa, tudo o que eu dissesse ácerca de Supervielle, de Valéry, de poetas cujas obras não sou capaz de conviver, se me lembrasse de responder a um inquérito que o Casais Monteiro abrisse na sua *Presença*.

De resto, não, é V. Ex.<sup>a</sup> mesmo que me dá razão, quando abre uma das suas respostas a um inquérito cinematográfico por forma tão extravagante como esta: « Não sou cinéfilo nem... fotogénico. (sic) Portanto, não frequento cinemas? » E, todavia, lá responde V. Ex.<sup>a</sup>, muito convencido (suponho que não quis fazer humorismo) ao tal inquérito, formulando juízos abstractamente sobre um tema que lhe não merece atenção, do qual se confessa inteiramente divorciado. E verdade que, « uma vez por outra, duas

ou três vezes no ano, o máximo », sempre vai ao cinema « para fazer a vontade aos seus ». Mas « abstrai sempre do que ouve, para se concentrar apenas no que vê », porque lá tem formado, *a priori*, o seu conceito sobre o espectáculo a que vai assistir. E como quem fala aqui é a pessoa do Sr. Alfredo Pimenta, que faz parte de V. Ex.<sup>a</sup>, ficamos sabendo, pela sua preciosa confissão, em que espirito crítico assenta o seu nome de famoso crítico.

V. Ex.<sup>a</sup>, Excelentíssimo Senhor, não lê revistas de cinema. Nem mesmo a *Revista Internacional do Cinema Educativo*, muito embora esta se publique sob o patrocínio da Sociedade das Nações. Mas lê com certeza a *Portucule*, que se publica nesta cidade. Pois a pág. 87 do vol. VI desta revista, encontrará V. Ex.<sup>a</sup> uma transcrição feita daquela, que começa assim: « *Si le cinéma avait été inventé avant l'imprimerie...* »

Não nos preocupemos em saber o que seriam a cultura e a civilização, se o cinema tivesse sido inventado antes da imprensa. Mas punhamos em hipótese que toda a formação intelectual de V. Ex.<sup>a</sup> repousava sobre o ensino feito pelo cinema sonoro, que V. Ex.<sup>a</sup> aprendeu tudo quanto sabe — e muito sabe V. Ex.<sup>a</sup> — sem ter sequer aprendido a ler.

Imaginemos, também, que eram o cinema artístico e a música as únicas artes que a V. Ex.<sup>a</sup> foi permitido conhecer.

E, nesta altura da nossa hipótese, só nesta altura, V. Ex.<sup>a</sup> aprendia a ler. Se me não engano muito, as coisas passar-se-iam assim: Para fazer a vontade aos seus, V. Ex.<sup>a</sup> assinava o *Diário de Notícias*, embora o achasse uma coisa evidentemente inferior, desde a parte noticiosa, que não sofria confronto com nenhum jornal-sonoro, desde os artigos do Sr. Alfredo Pimenta, que V. Ex.<sup>a</sup> nunca conseguia ler, até aos versos do Sr. Acácio de Paiva e aos folhetins, que V. Ex.<sup>a</sup> lia uma vez por outra, para fazer a vontade aos seus. E como o cinema e a música lhe tinham dado uma apurada sensibilidade, V. Ex.<sup>a</sup> achava — e muito bem — que esses versos e esses folhetins eram péssimas manifestações artísticas, nem sequer eram arte!

Daqui concluía V. Ex.<sup>a</sup> — e muito mal — que a literatura era uma manifestação artística inferior.

Todavia, alguém convencia V. Ex.<sup>a</sup> a ler Dostoievski e António Nobre, por exemplo. Quanto a este último, V. Ex.<sup>a</sup> entendia que lhe era muito superior qualquer disco do seu gramofone. E Dostoievski... Dostoievski... Aquele *Crime e Castigo* não deveria ser feito assim: tinha por lá uns mergulhos psicológicos que lhe não interessavam porque não estava habituado a tal, que passava à frente de vez em quando; não tinha ritmo cinematográfico, e até mesmo nesta obra que apresentavam como grande, não havia nada que se comparasse a uma tomada de ângulo como na *Paixão de Joana d'Arc*, — e tudo isto porque não conseguia fazer um necessário esforço de libertação interior para se aproximar de uma arte absolutamente nova para V. Ex.<sup>a</sup>, porque a armadura do que sabia lhe impedia de descobrir o que lhe era insuspeitado. V. Ex.<sup>a</sup> diz que vai ao cinema com a deliberada vontade de não ouvir; outras vezes vai só para ouvir, com os olhos fechados, e, com certeza, em ambos os casos — digo-lho eu — vai sempre ao cinema com a simpatia fechada para esta arte. E não havendo simpatia não há compreensão, e não havendo compreensão, há asneira quando V. Ex.<sup>a</sup> se põe a falar destas coisas, meu Excelentíssimo Senhor.

latim. V. Ex.<sup>a</sup> não me lê, porque não se digna ler esta revista. E daí... uma vez por outra, para fazer a vontade aos seus... Pode ser que não sejam de todo inúteis estas palavras alinhavadas em atenção a V. Ex.<sup>a</sup>. E creia Excelentíssimo Senhor, que escrever para V. Ex.<sup>a</sup> este artigo é demasiada abnegação da minha parte. Porque sei que não tenho nenhuma leitora para os meus artigos de MOVIMENTO, sei que me andam a arranjar uma, sei que essa não passa de metade das minhas *introduções*, porque são aborrecidas, e sei que estas palavras lhe hão de ser insuportáveis desde o princípio até este final.

Noqueira da Maia



*A  
vida  
triunfal  
de*

*Marléne Dietrich*

Marléne Dietrich é, talvez, de tôdas as estrêlas do écran a que maior número de admiradores conta, espalhados pelo mundo infinito e vário.

O seu sex-appeal sem rival, o enigma da sua expressão onde há ao mesmo tempo humanidade, perversidade e ângustia, qualquer coisa de in-

compreensível ou porque seja divino, ou porque seja fatal, o seu modo pessoalíssimo de transmitir ao espectador o drama íntimo dos personagens que encarna, todos êsses factores fizeram de Marlène Dietrich uma artista enorme, por muitos classificados a maior de tôdas.







1261-68



Os seus filmes são um sucesso garantido de bilheteira. E nós os que não vamos ao cinema buscar nem um estimulante sexual, nem apenas um ambiente mais ou menos exótico, mas o normalíssimo deleite produzido pelas manifestações da mais jovem mas também mais completa e expressiva das artes, ao vermos anunciado o nome de Marlène Dietrich, temos a certeza de ir ver, se não uma obra-prima, pelo menos uma obra acima da craveira média. E muito embora pareça que não, isto já quer dizer alguma coisa.

A vida da grande atriz alemã é uma contínua ascensão artística para a glória. Nascida em Berlim, recebeu a sólida educação musical que só os alemães sabem possuir. Assim se compreende que seja uma violinista de raro valor. Foi mesmo à música que Marlène se dedicou inicialmente com todo o calor e todo o entusiasmo da sua mocidade. Um dia, porém, sofreu uma lesão do pulso esquerdo. E os médicos proibiram-na de continuar os seus estudos durante longos meses.

Marlène era artista por destino e não por uma questão de profissionalismo escolhido a sangue frio. O que lhe interessava era a Arte em si, a Arte com maiúscula, a Arte, criadora de emoção, beleza e altura, qualquer que fôsse o modo de expressão escolhido. Tendo-lhe sido vedado o caminho da música, voltou-se para o teatro. E conseguiu ingressar na famosa escola de Arte Dramática dirigida por Max Reinhardt, escola onde o famoso empre-



sário possuía, por assim dizer, um «vi-veiro» de artistas para os seus teatros de Berlim e Viena.

Após longos mezes de estudo árduo e paciente, Marlène estreou-se num teatro de Viena, passando em seguida para Berlim, sua terra natal, onde triunfou estrondosamente no principal papel feminino de «Es Liegt In Der Luft» o que significa, em português, «À mercê do Destino».

Após, a carreira de Marlène foi uma série de triunfos. Continuadamente os alemães a viam em cena, interpretando sempre com o seu valor de actriz excepcional, ora a comédia, ora o drama, ora a tragédia.

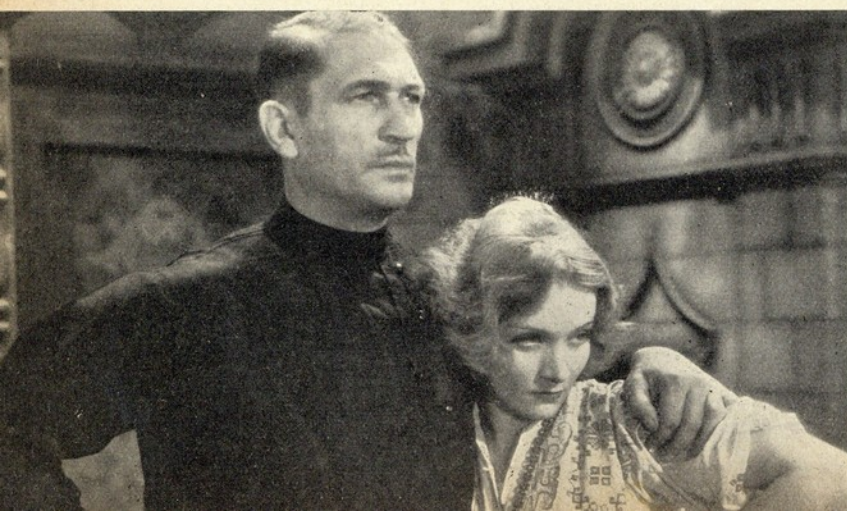
Por essa altura Josef von Sternberg, realizador já famoso de «A última ordem», «Docas de Nova-York» etc., foi chamado à Europa a fim de dirigir as filmagens de «O Anjo Azul», primeiro filme sonoro de Jannings.

Os trabalhos preparatórios começaram. Mas Sternberg, concordando com o argumento, com os diálogos, com o découpage, sentiu que lhe faltava um factor imprescindível para o triunfo: a actriz capaz de interpretar o principal papel feminino de modo que o satisfizesse por completo.

Várias lhe foram indicadas. Viu-as. Estudou-as. E nenhuma lhe agradou. Inumeras condições deviam convergir na escolhida. Em primeiro lugar como a Ufa pretendia fazer «O Anjo Azul» em versão alemã e em versão inglesa, era necessário que a heroína falasse com igual facilidade ambas as línguas. Em







segundo lugar, o papel exigia-lhe que soubesse música e canto. E, finalmente, como o filme se destinava a ser exibido, não num só país, mas em muitos países, era necessário que o tipo de beleza da heroína fôsse «universal» e não restricto às predileções estéticas dêste ou daquele povo.

Uma noite o acaso levou Sternberg ao music-hall berlinense em que se representava «Zwei Kravatten» — «As duas gravatas» — com Marlène Dietrich num dos papeis principais.

Sternberg tinha já alvitrado que fôsse Marlène a escolhida. Mas a sua opinião não fôra aceite. Até que nessa noite, convencido de que a razão estava do seu lado, resolveu voltar à carga.

Marlène foi contratada e interpretou «O Anjo Azul». Partiu em seguida para Holliwood, contratada pela Paramount. E foi o que vocês já sabem, e de que se publicam fotografias nestas páginas: «Fatalidade», «O Expresso de Shanghai», «Marrocos», «Cântico dos Cânticos», «Venus Loira»...

E um quadro célebre de «partners»: Clive Brook, Gary Cooper, Victor McLaglen, Brian Aherne, etc...

A Paramount começa agora anunciando o novo filme de Marlène: «The Scarlet Empress» traduzido, incompreensivelmente, para «Capricho Imperial».

A grande actriz alemã vai interpretar, debaixo das ordens de von Sternberg, «o realizador de Marlène como muitos lhe chamam — todos os filmes da Dietrich foram dirigidos por êle, excepto «Cântico dos Cânticos», dirigido por Rouben Mamoulian — a grande actriz alemã vai interpretar, dizia, o papel de Catarina II, a Grande Catarina da Rússia.

Vimos já, num primoroso filme, o vulto extraordinário dessa figura histórica que foi uma grande mulher e uma grande rainha. Elizabeth Bergner fazia o papel, e o filme apresentava-nos a primeira fase da vida de Catarina, desde o seu casamento com o Tzar até se tornar em Tzarina, ela própria.

Marlène vai, possivelmente, interpretar a parte seguinte da vida da grande imperatriz.

Aguardemos o seu trabalho com interesse. Interpretado por esta actriz de extraordinários dotes, dirigido por Sternberg, um dos grandes nomes de directores hollywoodenses, o filme será, certamente, um triunfo. Tem, pelo menos, inumeras probabilidades de o ser...



# Vala Comum

«La Maternelle» passa actualmente em Londres, no Forum.

Anuncia-se que Cécile Sorel vai filmar «A Torre de Nesle» e que Sacha Guitry interpretará o papel de Pasteur numa produção americana.

Após os triunfos colhidos na Alemanha e na Inglaterra, o filme francês «La Bataille» com Charles Boyer e Annabella, acaba de bater todos os records do sucesso na Checo-Eslovaquia, mantendo-se durante oito semanas em exibição na maior sala de Praga.

Anunciam da América que Erik Chanzell vai começar, por conta da Fox, as filmagens de «Caravana». «Caravana» a que, primitivamente, fora dado o nome de «Por ordem do Rei», será um filme musical de grande espectáculo, tendo como vedetas da versão inglesa Charles Boyer e Jean Parker, e da versão francesa, Charles Boyer e Annabella. As duas versões serão realizadas simultaneamente.

Em Nova-York acaba de ser aberta uma sala exclusivamente destinada à passagem de produções inglesas. Esta sala, que se chama «Westminster» e fica situada na Rua 49, foi inaugurada em récita de gala, com a assistência do Cônsul Geral da Grã-Bretanha e das personalidades marcantes da colónia britânica.

Por ocasião da grande festa do 1.º de Maio, acabada de instituir pelo governo de Reich, foram entregues os dois prémios recentemente criados pelo Dr. Goebbels para as melhores obras literárias e cinematográficas. A distribuição dos prémios teve lugar na grande sala da Opera, diante de uma ilustre multidão. O prémio literário, na importância de 12.000 RM., foi dado a um autor da moderna geração, e o do cinema foi atribuído ao filme Ufa «Flüchtlinge» (versão francesa «Nos confins do mundo») realizado como se sabe, por Gustavo Ucicky.

Uma revista de cinema estrangeira relata que o boxeur Max Schmelling, admitido em audiência particular pelo chanceler Hitler teve a grande alegria de saber que o ditador não deixara de ver nem um só dos filmes de Anny Ondra, sua mulher. Que honra para a família!

Adolfo Menjou e Elissa Sandi serão as vedetas de um filme que Ralph Murphy vai realizar para a Paramount sob a direcção geral de Charles R. Rogeris. O título provisório do filme é: «I Love an Actress».

O filme de Jacques Baroncelli «Crainquebille» em exibição no Academy Cinema de Londres, onde se estreou a 5 de Maio continua em pleno sucesso. A crítica manifestou-se de um modo excepcionalmente favorável e o público esteve de acôrdo, contra o costume.

Depois de dois meses de grande sucesso no Curzon-Théâtre de Londres, o filme austriaco «Sinfonia Incompleta» vai ser substituído pelo filme alemão «Morgenrot» que se chamou em Portugal «Alvorada».

Estreou-se com grande sucesso em Londres o filme «Rapt» tirado do célebre romance de C. F. Ramuz «Séparation des Races». A adaptação foi feita por Benjamin Fondane, e a realização é de Kirsanoff, sob a direcção do Dr. Marks. A interpretação é de: Dita Parlo, Vital, Nadio Sibirskäia, Jeane-Marie-Laurent, Lucas Gridoux, e Augusto Boverio. O acompanhamento musical é da autoria de Arthur Honnyger e Hoerée.

Há tempos já se fala na realização de um grande filme francês que constituirá uma das mais formidáveis manifestações cinematográficas dos últimos tempos. O cenário, originalíssimo, é da autoria de Yves de Mirande. O filme chamar-se-á «Le Billet de Mille» e será interpretado unicamente por vedetas. Entre os intérpretes podem citar-se, desde já: Lucian Baroux, Harry Baur, Duvallès, Fernandel, Constant Rémy, Armand Bernard, Pauley, Michel Simon, Raymond Cordy, Gaby Morlay, Marguerite Moreno, Renée-Saint-Cyr-Edwige Feuillère, Jeanne Boiter, Mona Goya, Paulette Goddard, Alice Tissot, Spinelly, André Bauge, Gaston Jacquet-René Lefèvre, Georges Milton, etc... A primeira volta de manivela será dada na próxima semana.

A London-Filmes acaba de anunciar que Maurice Chevalier começara em Junho próximo o seu primeiro filme britânico. O filme chamar-se-á «O Marechal» e a acção decorrerá no reinado de Napoleão I, fazendo Chevalier o papel de um simples soldado que pouco a pouco se vai tornando ilustre até atingir o posto de marechal.

Foi-nos enviado o primeiro número da revista «CINE», gentileza que agradecemos, desejando ao novo colega os maiores triunfos, as maiores prosperidades e que possa encontrar aquela leal camaradagem que nós infelizmente, não encontramos quando, como agora fez «CINE», enviamos o primeiro número de «MOVIMENTO» às revistas cinematográficas de Portugal.

## Desinterêsse

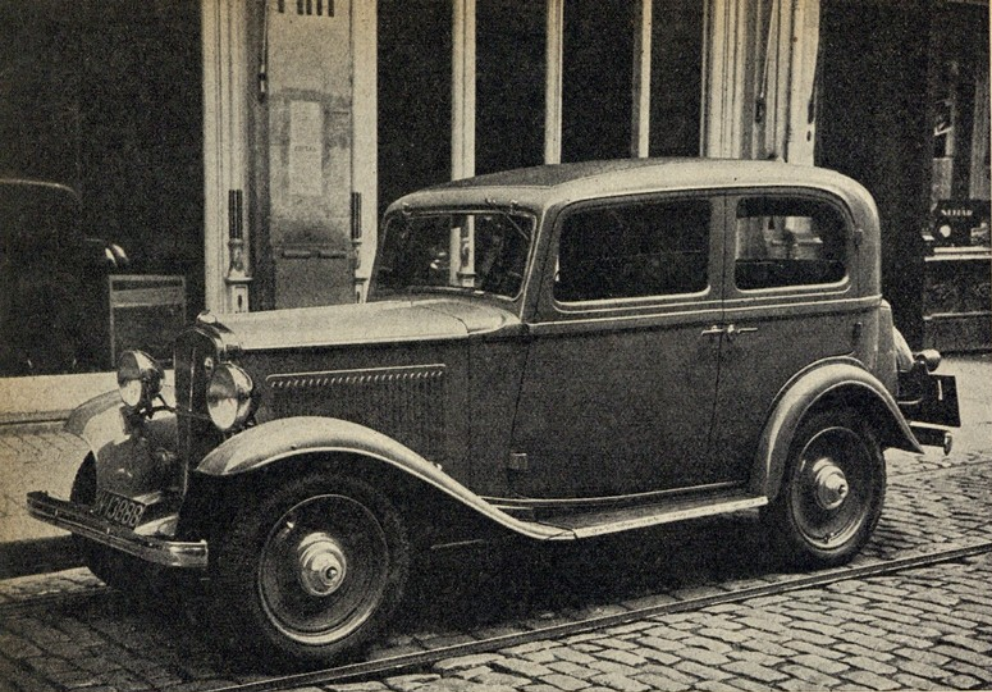
O actor Raúl de Carvalho, galã de «Gado Bravo» diz, numa entrevista concedida a um nosso colega de Lisboa, que, para que a indústria cinematográfica prospere e seja entre nós um facto, é necessário que os artistas comecem por limitar os seus honorários. E depois, mais adiante, num largo entusiasmo, referindo-se à Tobis, exclama: «está nela sem dúvida, o futuro do cinema nacional!»

Ora aqui está uma atitude nobre e simpática, que merece todo o nosso aplauso. O sr. Raúl de Carvalho quer dar o sangue pelo cinema português. Todo êle arde no desejo de o servir desinteressadamente, sem que ninguém possa ver na sua actuação, um modo, como qualquer outro, de ganhar a vida.

Do Bloco H. da Costa veio S. Ex.ª desiludido. Não lhe compreenderam o sonho e trataram-no como um artista vulgar, pagando-lhes umas vis dezenas de contos pela interpretação do seu papel.

S. Ex.ª, que é inteligente, vê na Tobis a empresa ideal para aproveitar o seu espírito de sacrificio. A Tobis, na verdade, dado o estado precário das suas finanças, precisa de artistas desinteressados. E se corresponderem ao apêlo do sr. Raúl de Carvalho todos os artistas, todo o pessoal, todos os fornecedores, contribuindo todos, gratuitamente ou quasi, para a confecção dos filmes, sem dúvida nenhuma o futuro do cinema nacional está na Tobis. Não há como estar em Paris e, sobretudo, tu cá, tu lá, com a Marlène, o Maurice ou o Boyer, para ter ideias originaes!





## O nossa "Número de Verão"

Tem sido acolhida com o maior interesse a iniciativa da nossa revista. O NÚMERO DE VERÃO de MOVIMENTO que, como temos dito será publicado a 15 de Setembro próximo, vai constituir um grande sucesso. A inscrição aumenta dia a dia, tanto na província onde os nossos correspondentes se não tem poupado a esforços, como no Pôrto e Lisboa, onde os nossos distribuidores, Agência Argos, tem sido incansáveis no auxílio publicitário que nos prestam.

Como dissemos, o NÚMERO DE VERÃO SÓ PODERÁ SER ADQUIRIDO POR INSCRIÇÃO, fechando esta inscrição, impreterivelmente, a 30 de Junho próximo.

### O 2.º prémio

Um automóvel FIAT—Balila—modelo de luxo, dotado dos últimos aperfeiçoamentos e notável pelo conforto que proporciona, pela sua elegância, pela sua facilidade de condução e pela sua economia inexcedível.

### O 3.º prémio

Um piano de concerto Gustavo Lutz, gentilmente oferecido à nossa revista pelo seu Agente Geral em Portugal, o nosso amigo Daniel Ruvina, desta cidade. Êste prémio encontra-se exposto numa das montras dos Grandes Armazens Nascimento.

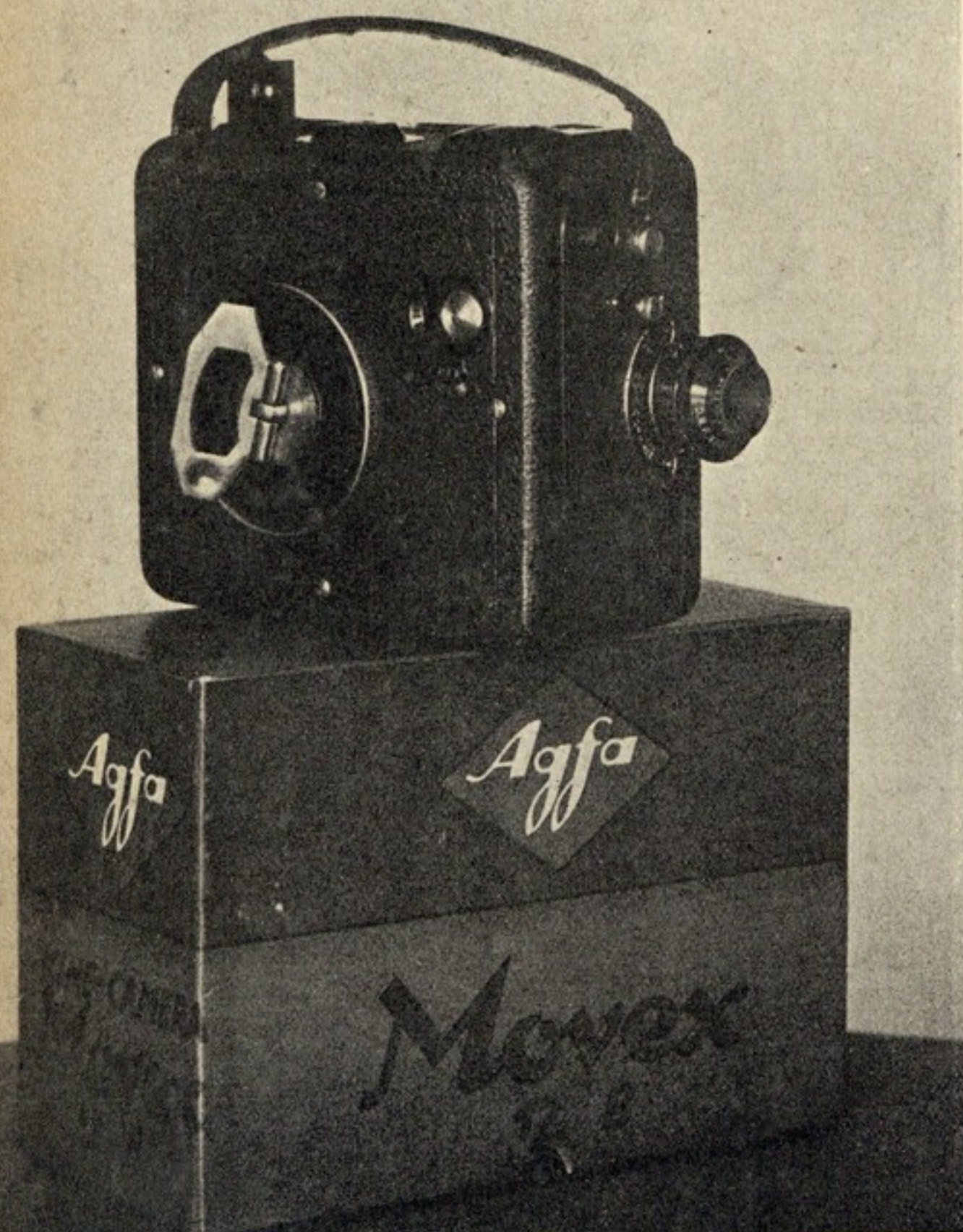


## O 4.º prêmio

Uma luxuosa mobília de sala de estar, oferta dos Grandes Armazens Nascimento, em cuja montra se encontra exposta. Esta mobília, construída em contraplacagem e estofada a veludo de fantasia, consta de 9 peças, a saber: um sofá de molas, com caixas laterais para livros, dois mapeles, quatro cadeiras, uma moderníssima mesa de centro, uma consôle-estante, servindo de escrevaninha, e uma coluna de canto.







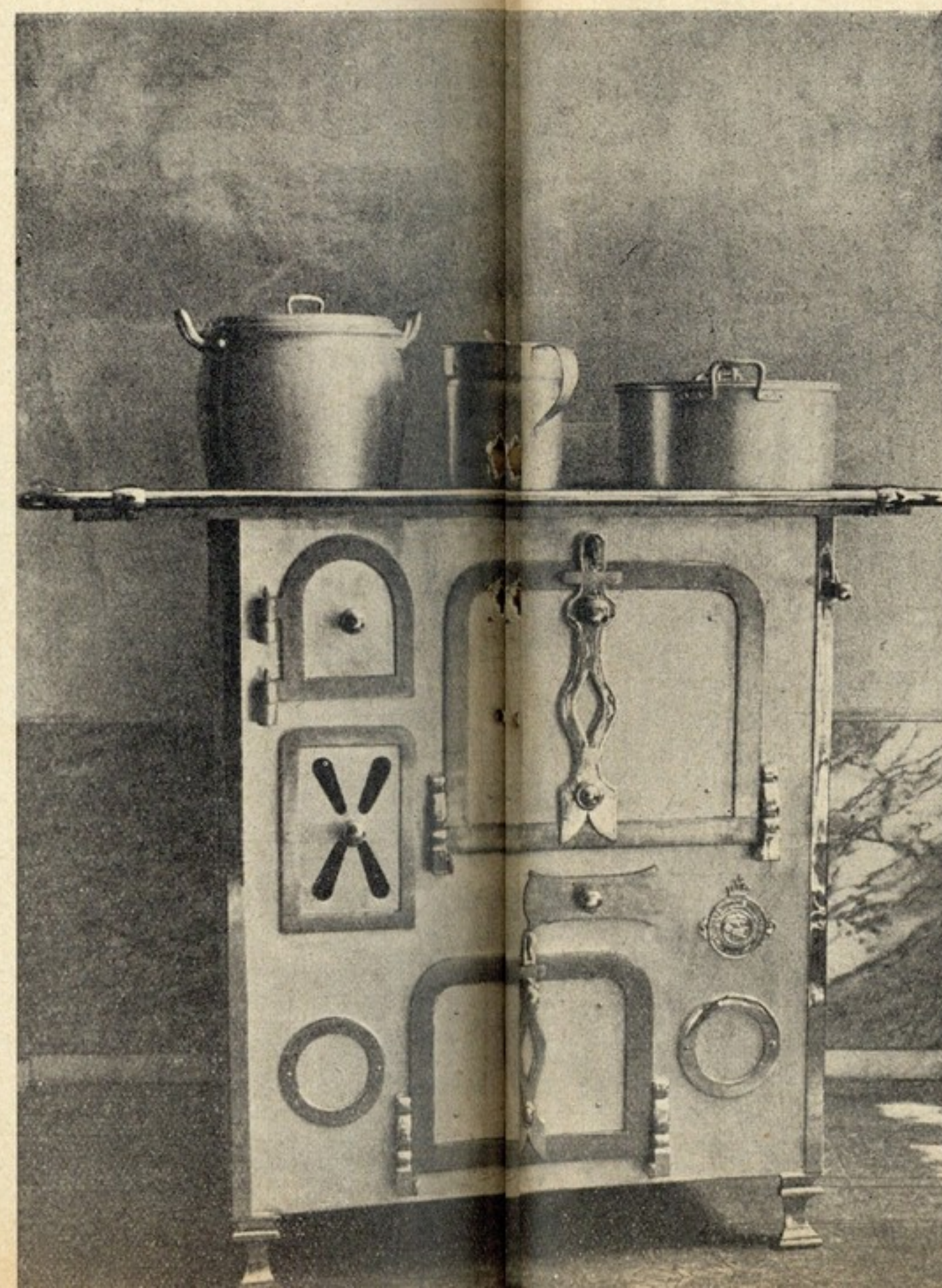
### O 5.º prémio

Um aparelho de filmar para amadores, da marca Agfa—Movex, com objectiva anastigmática F. 3,5, podendo filmar com igual nitidez e perfeição as cenas de interior e as de exterior.

Também este prémio se encontra exposto nas montras dos Grandes Armazens Nascimento.

### O 6.º prémio

Um receptor radiofónico da afamada marca COLOSSAL, para ondas de qualquer comprimento, oferta gentilíssima da Sociedade Comercial Luso Americana, agentes gerais em Portugal, daquela marca. Este prémio encontra-se também em exposição nas montras dos Grandes Armazens Nascimento.



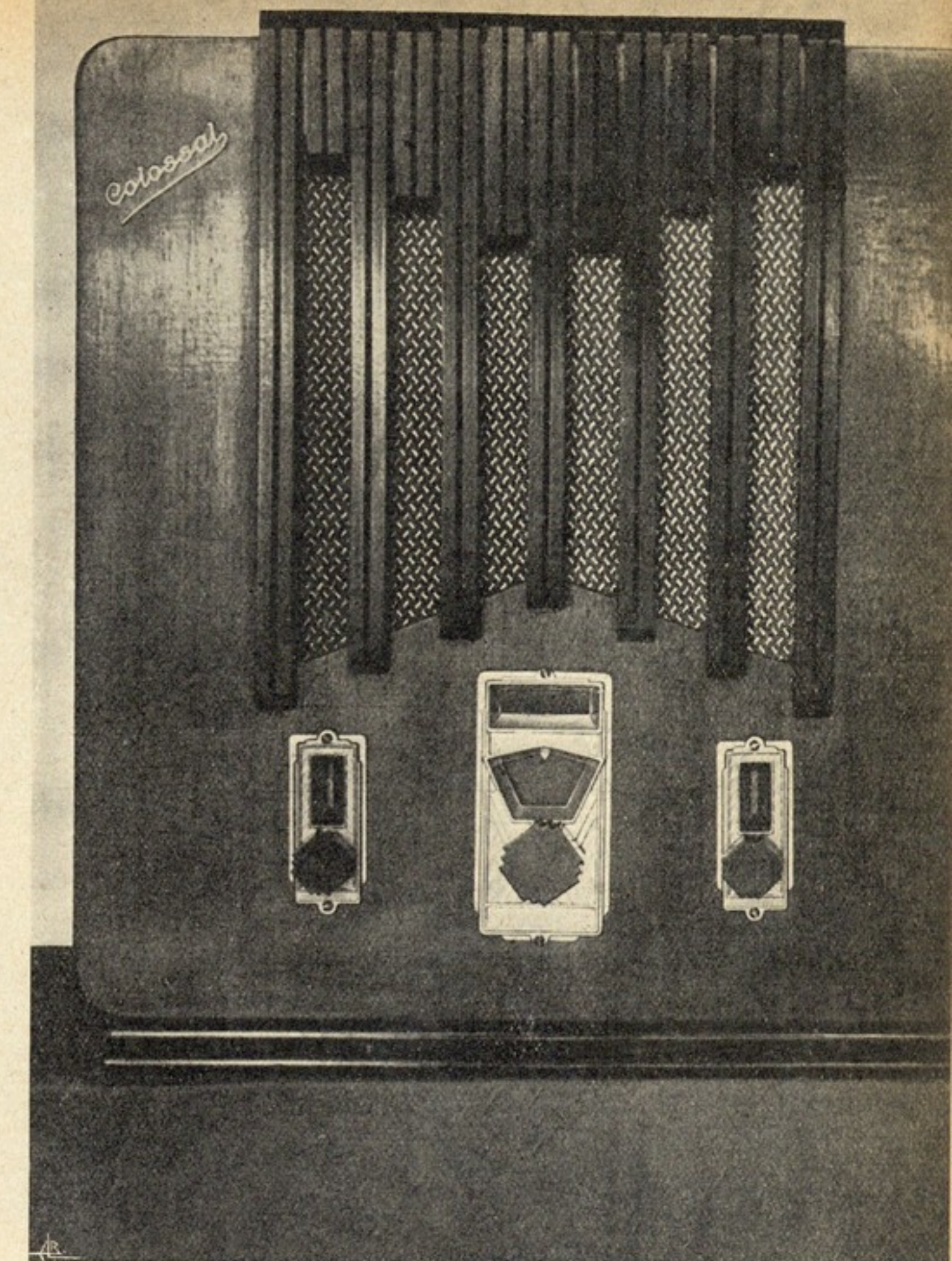
### O 7.º prémio

Um fogão da casa Tomaz Cardoso de Santa Catarina, com um trem completo de cosinha. O fogão, do modelo NOIVADO todo chapeado a alumínio inoxidável é uma peça de valor que honra os seus fabricantes. O trem completo de cosinha, composto de 36 peças, é também de alumínio e da afamada marca «Trêvo» a melhor do mercado.

### O 8.º prémio

Um cheque de 2:500\$00 à ordem da casa Albano Ramos Pais & Filhos, a conhecida casa de modas e alta costura da Rua de Sá da Bandeira.

Aqui estão os 8 GRANDES PRÉMIOS do nosso NÚMERO DE VERAÇÃO que custa 7\$50, estando aberta a inscrição em todo o país.





# Crítica de Filmes

## de Lisboa

**O grito selvagem (Whoopie)** — O grito selvagem  
foi feito há uns bons três ou quatro anos, e como todos os filmes do mesmo género que os estúdios de Hollywood produziram nessa altura, ressentem-se da desorientação em que então se encontravam quasi todos os realizadores, a braços com as tremendas dificuldades técnicas que o advento do sonoro produziu.

Hoje, já não podemos aturar aqueles diálogos quilométricos, aquelas marções nitidamente teatrais, a presença iniludível do palco, com a Direita Alta, a Esquerda Baixa e tudo.

*O grito selvagem*, embora com a actuação impagável de Eddie Cantor e das suas famosíssimas *girls*, cai a cada passo na monotonia, o que é ainda bastante agravado por umas legendas horríveis.

*Whoopie*, se tivesse sido apresentado quando foi produzido, teria sem dúvida constituído um êxito comercial; hoje sofre as consequências do tempo e do confronto com *Festas Felizes* e com o *Toureiro à Força*.

**Esquimó** — Confesso que este filme me surpreendeu extraordinariamente.

Contava com mais um *Trader Horn* ou um *Tarzan*, e constatei que estava diante dum grande filme, sem sombra de dúvida o primeiro grande filme de Van Dick.

*Esquimó* não é uma daquelas indecorosas fitas de ambientes exóticos que os americanos nos costumam dar. Mas sim uma obra séria, um estudo admirável da alma dos esquimós, dos seus costumes, das suas tradições, da sua psicologia e da sua moral, que sai plenamente vitoriosa do confronto com a dos traficantes brancos.

(Não resisto à tentação de vos dizer que um professor da Faculdade de Direito de Lisboa se serviu de *Esquimó* para se exemplificar uma ideia que explicava ao curso de Internacional Público, referindo-se ao filme com o mesmo ar natural e sério com que se referia a qualquer facto histórico ou com que citava qualquer tratadista.

Isto, parecendo que não, é bastante significativo).

Van Dick, muito inteligentemente, lançou para segundo plano a paisagem, os gelos, as avalanches, donde poderia tirar efeitos fáceis e espectaculosos, para erguer diante dos nossos olhos o esquimau-homem, na sua luta com os elementos, com as feras e... com os *civilizados* brancos.

Um drama simples no seu aspecto exterior, mas cheio de vibração, de humanidade, de emoção sincera, o de Mala, o grande caçador que seguindo os costumes da sua raça oferecia a mulher a um amigo, mas que não admitia que lhe roubassem, que castigava duramente aquele que fôsse desleal, pretendesse atraí-la.

No fim sente-se a transigência com o gosto do público. O *happy-end* era indispensável para um bom sucesso comercial, e Van Dick não lhe resistiu. E demais a mais, desta maneira, a justiça dos brancos sempre ficou numa situação um bocadinho mais airosa.

A interpretação de alguns indígenas polares e de alguns actores a fingir que também o são (o que de resto em nada desvaloriza o filme, embora se pudessem ter evitado algumas sobranceiras depiladas como as de qualquer elegante do Chiado) é deveras notável.

Daqui por diante, quando me disserem que Van Dick é um grande realizador, já não me irrita.

*Esquimó* é, indiscutivelmente, um dos grandes filmes do ano e um dos grandes filmes que o cinema nos tem dado.

**Eu sou Susana** — Que pena, a Lilian Harvey ter ido para a América!

Os realizadores ianquis deram-lhe talvez vestidos mais esquisitos, rodream-na de mais comparsas, de mais grandiosidade, mas não são capazes de lhe dar a frescura, a mocidade, a poesia, o ambiente de sonho de quasi todos os filmes que interpreta na Eurpa.

Como Lilian deve ter saudades de Erich Pommer, de Wilhelm Thiele, de Erich Chanel e dos *plateaux* de Neubabelsberg!

*Eu sou Susana*, inspirado aliás numa ideia interessante, é um filme mediocre, desigual, cheio de altos e baixos, sem ritmo, sem continuidade, coisas agravadas em parte pelos cortes que o filme sofreu, em Portugal, onde o distribuidor achou por bem suprimir algumas cenas.

Além de Lilian Harvey, que representa bem, mesmo muito bem, e que dança como nunca, o filme tem, no entanto, uma coisa notável: as *marionettes*, que são uma verdadeira maravilha. Só por sua causa, vale a pena ver esta fita.

Salientarei ainda, em *Eu sou Susana*, alguns dos quadros da revista, que são esplêndidos.

Quere dizer: este filme tinha todos os elementos para resultar alguma coisa de bom; simplesmente não os souberam aproveitar, não souberam harmonizar com a necessária pericia.

E foi pena!

**A Rainha Cristina** — Em dissolução, o último filme de Mamoulian!

Descansem não vou clamar contra os erros históricos, não vou exigir uma rainha Cristina feia e defeituosa, nem a vou acusar, como Pierre Bost, de ter assassinado o autor dos *Discours de la Méthode*.

Não. Basta-me lamentar que Mamoulian tenha produzido um filme tão mauzinho, cinematizando um assunto de romance em fascículos, sem nenhuma espécie de emoção nem daquela grandiosidade que não resulta, propriamente, da tamanho dos *décor* nem do número dos figurantes.

Há apenas uma coisa realmente grande em *A Rainha Cristina*: o trabalho de Greta Garbo.

Humanizou-se, foi menos convencional do que em algumas das suas interpretações, esteve mais perto de nós.

Nunca a famosa sueca se mostrou tão grande artista — e isto quere dizer alguma coisa.

A seu lado, a reparição de John Gilbert, não foi mais de que um canto do cisne.

E agora esperemos que Rouben Mamoulian não faça mais nenhum *Cântico dos Cânticos* nem mais nenhuma *Rainha Cristina* o que seria, verdadeiramente, a queda dum anjo.



**Uma loira para três** — Mae West conseguiu, à custa de muita publicidade e de muita audácia, ser famosa.

O seu filme *Lady Lou*, que o S. Luis acaba de nos apresentar com o título *Uma loira para três*, fez furor na América e na Europa, e francamente não sei bem porquê.

O filme, em si, é banal. Alguns apontamentos curiosos da época em que se passa a acção (fins do século XIX) e mais nada.

Mae West, que me deixou a impressão de ser uma actriz de talento, deu-nos uma *Lady Lou* bastante convencional; pretendeu impôr-se mais pela opulência das suas já famosas curvas, pelo seu ar impudico, por certas atitudes e certas maneiras de dizer que pretendem ser ousadas, do que por um trabalho, embora de processos mais sóbrios, com o qual nos pudesse convencer de que é na verdade uma artista.

Fernando Baccos

## do Porto

**Heróis da Paz** — Wheeler e Woolsey apareceram-nos de novo numa farça engraçadíssima, mas dum género que o público português parece não aceitar com grande contentamento. O disparate consecutivo, «mecânico», permanente, encadeado, não pretendendo ser mais do que um «grande e disparatadíssimo disparate», não é positivamente, o ideal do espectador meu compatriota, que gostará de se rir, certamente, mas que teima em procurar, em tudo um raiozinho de verosimilhança... ou do que ele considere como tal. Ora esses dois «patuscos» Wheeler e Woolsey, surgem-nos justamente em filmes repletos de situações tam inesperadas como desconcertantes. E o espectador que não estiver familiarizado com a lingua inglesa (porque a compreensão total dos diálogos é por vezes indispensável) e que, por temperamento ou qualquer outra razão, não se deixe levar pelo caudal de disparates e tropelias bordejando a loucura, em que Wheeler e Woolsey se encontram permanentemente envolvidos, fica de pé atrás e não lhes acha graça nenhuma. E é pena...

«Heróis da Paz» não é, evidentemente, um modelo no seu género. Mas tem pilhas de graça, desde aquele «gag» do ninho nas barbaças do homem que não fazia a barba há 20 anos, até à engraçadíssima sátira à Sociedade das Nações, essa grande blague disfarçada de coisa séria, que se inventou depois da grande guerra...

**A Irmã Branca** — Ao ver um filme é-me impossível reparar o valor que eu chamarei «exterior» das imagens e aquilo que elas pretendem exprimir. Aquela maneira unilateral de ver cinema, que alguns críticos aconselham, olhando exclusivamente para a construção técnica dum filme, não a posso compartilhar. A técnica por si só, não basta, a não ser em casos particularmente especiais. De resto, ela representa em cinema aquilo que em literatura se chamaria a forma ou o estilo. É certo que um realizador é tanto melhor ou tanto pior conforme sabe servir-se da técnica cinematográfica para contar uma história, expôr uma ideia ou defender uma doutrina, tal como um escritor se serve das palavras e as agrupa para idêntico fim, em melhor ou pior estilo. Mas há que atender não só à forma mas também ao conteúdo. Dai a importância que sempre concedo ao argumento. Dai ser preciso tomar sempre em conta aquilo que as imagens exprimem, aquilo que o filme quer dizer.

Ora «A Irmã Branca» agrupa-se com aqueles filmes em que uma realização de certos méritos serve um argumento misérrimo e ridículo.

A atitude passiva em que trabalham os realizadores de Hollywood leva-os a aceitar qualquer historietta que lhes apresentem e sob a opressão dum comercialismo torpe fazem o que podem com o saber que têm, sem o entusiasmo e a vontade rigorosa que os animaria se fizessem o que sentissem. Assim, na quasi totalidade dos filmes com pretensões a coisa séria, não há uma ideia expressa com clareza e decência, nem defendida com convincente inteligência.

Não julguem que falo assim por levar a minha descrença na fé católica até à intransigência. O que eu não tolero são estes filmes de pura mistificação religiosa, como «A Irmã Branca», em que um realizador capaz, como Vitor Fleming, nos conta sem convicção e porque foi mandado, uma patética que só não é ridícula quando é revoltante. Que me importa, depois disto, que a narrativa, a-pesar-de um pouco morosa, tenha sido levada num bom encadeamento de imagens por vezes bonitas? Que me importa isso, se o conflito (interpretado por bons actores) é urdido da forma mais idiota até à conclusão mais falsa e mais imbecil?...

**A casa Rotschild** — Propositadamente ou não, «A Casa Rotschild» é um filme de propaganda judaica. Mas terá, realmente, intensões reservadas por trás dessa biografia, à maneira americana, da família Rotschild? É provável que não.

Saído de Hollywood, este filme não deve ter a importância que lhe podemos conceder e eu estou quasi tentado a acreditar que se trata apenas dum pura e simples especulação, como habitualmente sucede. Por outro lado, e ainda pelo facto do filme ter saído de Hollywood, não teria havido um propósito em levar ao écran, focada de uma forma tam favorável, a história dessa familia de judeus?...

Se nos lembrarmos de que os magnates do cinema americano são de descendência judaica, não será possível admitir uma disfarçada resposta às criminosas perseguições de que, na Alemanha, os judeus foram e continuam sendo vítimas, depois da subida de Hitler ao poder?...

Note-se: isto é simplesmente uma hipótese que apresento sem grande convicção. Se por um lado posso ser levado a pensar assim, por outro devo confessar a minha pouca confiança na sinceridade dos produtores americanos...

Seja como fór, «A Casa Rotschild» é um filme de envergadura; já pela realização de Alfred Werker, que conduziu o enredo numa harmonia perfeita, sem saltos, sem deslizes, sem a mais pequena quebra de ritmo, dando a cada cena a sua duração precisa, dando a cada quadro o seu justo lugar, o seu significado e a sua justificação (e isto muito se deve àquela meticulosidade que os americanos, quando querem, sabem ter com a planificação e a montagem); já pelo desempenho extraordinário desse grande actor que é George Arliss, desempenho magistral, inteligente, sóbrio, cuidado até aos mais pequenos detalhes; já pela fotografia de Peverell Marley, que é simplesmente primorosa.

Há porém dois pontos débeis: um, mais desculpável, que é a históriazita sentimental de Júlia Rotschild e do capitão Fitzroy — um bocadinho metida à força —, outro, que são as últimas cenas coloridas, desmembrando-se do conjunto e de desastroso efeito.

Como de costume, quando se trata dum filme de merecimento, o público não «ligou nenhuma». Se fôsse o «Tarzan» ia meio mundo embasbacar-se.

Alves Costa



# Carta fechada

## a uma cinéfila do Porto

por António Lopes Ribeiro

Não se lembra de mim? Conhecemo-nos no entanto há muitos anos (tantos quantos permitam a sua mocidade e a sua franqueza...), no Hotel do Elevador do Bom-Jesus do Monte. Dançamos e falamos de cinema. Não me passava então pela cabeça assumir ou coadjuvar a realização de filmes. Limitava-me a comentar em letra de fôrma os filmes realizados pelos outros, sob o pseudónimo sibilino e pretencioso de Retardador.

Esse «estado de graça» tinha consideráveis vantagens, como a de viver abrigado por boa «telha» (a minha especialidade era a crítica humorística...) e não por frágil vidro. É certo que continuo a distinguir, muito convencido, os meus direitos de crítico das minhas problemáticas faculdades de animador. Mas a verdade é que, a-pesar-do amparo sólido e dedicado de Mestre Nosseck e da protecção superior e amicíssima de H. da Costa, me arrisco a uma caqueirada que até me leva o diabo!...

Disfarçemos, porém. E como a minha querida amiga teve em tempos a admirável paciência de aturar as minhas confidências, atrevo-me a reatar o fio cortado bruscamente, e a depôr nas suas mãos esbeltas a confissão sincera dos meus cuidados.

Recordo-me também de que nutria à data um sólido desprezo por certos galãs de caixa de bombons, que faziam arregalar os olhos das suas contemporâneas, e que não a impressionou sobremaneira a desparição de Rodolfo Valentino, que morrera naquele mês, asfixiado pelos suspiros históricos das suas admiradoras tresloucadas. Esse atestado de integridade cinéfila anima-me a pôr estas minhas confidências num pé que não agradaria provavelmente a quem fosse menos imparcial e menos sensível que a minha querida amiga. Mas, como não se trata duma carta aberta, nem duma carta anónima — o que, vistas bem as coisas, vem a dar na mesma —, vou falar-lhe sem escrúpulo e sem modéstia duma obra em que intervim muito directamente, exercendo o cargo a que há o mau costume de chamar de «realizador».

Vou falar-lhe do «Gado Bravo».

O «Gado Bravo» está pronto. (Hein? Confesse que por esta é que não esperava!...) Vi-o esta tarde, de fio a pavio, desde o «passo» triunfal de Manuel Garrido, na arena do Campo Pequeno, ao seu «auspicioso enlace», no adro de Vila Nova do Ribatejo.

Não acuse a sua memória, nem desdenhe da sua ciência corográfica, pelo facto de ignorar o paradeiro e até a existência dessa povoação! Até à data a bem dizer, só eu conheço aonde ela fica ao certo e só eu posso descrever-la. Garanto-lhe que é linda! Tem a beleza das melhores realidades — e a de todas as ilusões. E isso porque é ao mesmo tempo verdade e mentira, natural e artificial — combinação prodigiosa que só cinema, esse alquimista da luz pode fazer.

Não sou avaro e não quero ficar atrás do sr. André Malraux, que também disse a toda a gente como era a capital da Rainha de Sabá. Vou descrever-lhe pois Vila Nova do Ribatejo, tal como a vi e tal como a verá um dia destes nos ecrãs do Porto.

Vila Nova do Ribatejo é uma vila portuguesa, — tudo quanto há de mais portuguesa! — que fica a dois passos e a duas léguas do rio Tejo. Dois passos curtos, como os que dão as bocirinhas de Valada, e duas léguas das grandes, das da Póvoa. A casaria, caíada e galante, com os seus telhados fulvos e aqueles roda-pés cinzentos que sublinharam tão bem a alvura das paredes, encavalita-se ao norte sobre uma colina branda e verde, tão pitoresca e requetada como a de Alem-

quer, e alonga-se ao sul sobre a planície que bordejia o rio, essa «lezíria» a que as cheias dão a fecundidade duma selva e a lisura geométrica dum bilhar.

Dêsse contraste orográfico resulta o maior encanto da vila. Os seus arquitectos, que aprenderam com os árabes a enfeitar a tradição, a obedecer às leis fatais da paisagem, a seguir à risca as indicações do clima e do terreno, souberam dispô-la com utilidade, equilibrá-la sem monotonia e engalaná-la com gosto. Dispuzeram praças vastíssimas, onde o chafariz central assume toda a sua importância, impondo o culto que a água merece nos países quentes; ruazinhas estreitas, onde as casas se protegem mutuamente do sol, mal consentindo que êle se esgueire por elas a horas certas e breves; adros pimpões, onde a igreja não tolera outro pano do fundo que não seja o céu donde lhe vem a inspiração; miradoiros estratégicos, onde se pode beber o vinho são da terra à sombra das parreiras que o geraram — todo um «urbanismo» humano, inteligente e amável.

Cercando a vila branca como um escrínio, todo um xadrez de quintas bem tratadas, de vinhas generosas, pomares apetitosos, de ceareas, de pinhais, olivais, sobreirais, — ais de riqueza e de alegria... E, mais além, o montado, o pântano, e a campina sem fim, onde cada árvore parece um padrão a assinalar a pureza ignorada do campino.

Nesse reino soberbo, o soberano já não é o homem: é o toiro. O «campo» pertence-lhe de direito e em todo êle proclama a sua altiva e terrível tirania.

Mas o homem é ambicioso e valente. E é a guerra, guerra nobre entre todas, leal e heróica como mais nenhuma! Os adversários equivalem-se. Embora tenha assistido a seis meses de batalhas, na primeira linha, sinto-me incapaz de decidir qual é o mais veloz, o mais hábil e o mais forte. Se o campino dispõe do cavalo e do pampilho, o toiro não precisa de montar e tem na cabeça duas temíveis armas de que se serve com perigoso virtuosismo. O resultado duma liça é sempre incerto. O homem faz um ponto de honra de não matar ou inutilizar que seja um animal. O toiro, êsse, tem o direito, que exerce com largueza e sem contemplações, de liquidar friamente todas as vidas, de homens ou cavalos, que passem ao alcance dos seus cornos.

A cavalaria da lezíria combate-o em cargas vertiginosas, em escaramuças à moda antiga, e, às vezes, em verdadeiros torneios medievais, onde não faltam sequer, sobre as tribunas e os carros, donas e donzelas trajando de vivas côres.

Não saberia descrever-lhe, se o tentasse, a beleza de semelhantes espectáculos!

Como na outra guerra — a guerra feia — há mortos, feridos e prisioneiros. Os toiros prisioneiros são conduzidos para vastos campos de concentração, rodeados de paliçadas e de arames farpados. Mas conservam toda a sua liberdade de movimentos e de acções, (salvo no castigo humilhante do caçamento), redobrando de fúria destruidora e homicida. Os prisioneiros mais valentes são apartados e mandados, em jaulas de madeira, aos conselhos de guerra das toiradas. Toda a gente conhece o seu aparato ritual e como aí o homem ataca e o toiro se defende. Mas é possível que me



«Gado Bravo», onde a toirada ocupa o lugar que lhe cabia num filme inspirado na luta de que falei, os que não são «alicionados» compreendem a sedução viril da festa brava.

A vida dos habitantes de Vila Nova do Ribatejo é dominada pelo signo do Toiro. Essa influência transparece em tudo: no andar, no porte, no olhar, na indumentária, nos sentimentos... A elegância, a altivez, a lealdade, a franqueza, o culto da beleza, da destreza e da força, são factores comuns de todas as «almas», como se diz em esta-tística. Os homens usam, arrogantemente, as cores que mais atraem e excitam o inimigo. O verde dos barretes, o encarnado dos coletes e das cintas, é como que um desafio.

E as mulheres também as preferem entre todas, essas duas cores que são, exactamente, as da Bandeira. Porque, ali, ninguém sabe o que é o medo. É ver o entusiasmo, o verdadeiro delírio com que toda a gente, homens e mulhe-res, velhos e novos, salta para a rua quando um toiro, fugido duma jaula ou tresmalhado dum rebanho, põe a vila em estado de sítio. Não se trabalha mais, não se descança mais, não se bebe mais! Só o toiro é que conta. Lidá-lo, capéá-lo, picá-lo, pegá-lo, fazê-lo baixar a cerviz ou ajoelhar, passam a ser as únicas preocupações de toda uma população ebria de movimento e radiosa de prazer. Os mais experimentados naquelas incertas lides, querem manter os seus créditos tou-reiros. Os novatos, os caloiros de que fala o epigrama, só pensam em distinguir-se, por um feito audacioso, aos olhos prontos a admirar do seus conterrâneos. E, nas ruas, entre correrias e trambulhões, gritos e gargalhadas, desenrola-se a mais agitada das picarias, a mais emocionante das perse-guições. A tragédia e a farça dão-se as mãos numa aliança bizarra...

Verá no filme o que isso é minha excelente amiga. E dir-me-á depois se fôr capaz, onde poderia encontrar-se mais rico e mais dinâmico motivo de cinema.

A maior e a mais bonita propriedade de Vila Nova do Ribatejo, é a de Manuel Garrido, o lavrador toureiro.

Ídolo das multidões, Manuel Garrido é adorado por todos os que o rodeiam e servem. Fidalgo?... Porque não?... Mas o seu carácter interessa mais que a sua genealogia. O convívio cotidiano com os toiros, feras sem manhas, deu-lhe, como a todos os seus iguais do Ribatejo, essa inteireza de alma e essa valentia que se lhes adivinha nos olhos e se confirma nos seus actos. Mas como eles, é rude, ingénio, impulsivo, apaixonado. Toda a medalha tem reverso: Nas mãos duma mulher, Manuel Garrido é um brinquedo nas mãos duma criança...

A sua quinta é um mixto de herdade e de solar. Pátios com canteiros rodeados de caniço; jardins com relva rasa, palmeiras e lagos de repucho; hortas repolhudas; canaviais dignos das confidências do Rei Midas; a casa apalaçada, com a escadaria, os terraços, as trepadeiras, os alpendres, os claustros frescos, cantinhos amenos e salões vastíssimos, onde a intimidade dum pavilhão de caça se alia à imponência dum castelo escocês.

Manuel Garrido é um artista. Nos quartos tem quadros de bons autores e nos jardins cópias honestas de Praxiteles. A quinta tem duas entradas: a principal, onde um portão monumental dá ingresso a uma alameda arborizada que lembra a dos Jacintos de Tormes, e a de serviço, que dá para o vasto recinto onde se alinham as cocheiras, as cavalariças, o verdadeiro bairro social das residências dos criados. Esse portão, com o seu arco de pedra, à moda pombalina, dá para o campo, onde se ceifa o trigo e o milho, se debulha a fava e o arroz, se corta o pinho e a cortiça, e se criam éguas fogosas e toiros bravos — os mais puros e os mais temidos da península.

Domínio vastíssimo que vai até à char-neca alentejana, atravessado de lés a lés por estradas de asfaltos, atalhos rústicos, caminhos de ferro onde circulam combóios minúsculos, carregados de fardos e de can-tigas. A meio, passa um regato, que canta ao desatio com lavadeiras gordinhas como leitões, frescas como cerejas e rubicundas como maçãs...

A quinta n.º 2 de Vila Nova do Ribatejo é a de Artur Fernandes, o «apoderado», o amigo inseparável de Manuel Garrido. Quasi um irmão, porque sua irmã Branca está noiva do cavaleiro. O seu maior orgulho é o amanho impecável do laranjal cheiroso e a disposição graciosa das parreiras que quadriculam caprichosamente o saibro das alicas.

As outras casas, menos importantes, não lhes ficam atrás em pitoresco e em graça. Vila Nova do Ribatejo é toda ela um mimo, favorecido por Deus e pelos homens. E o resumo, a síntese do Ribatejo, provincia dum bucolismo forte, onde o lírico e o épico são inseparáveis, como nas églogas de Camões.

É este o mundo onde decorre a acção do filme que vai ver, acção graciosa e violenta, feita por medida para um quadro sem igual. «Gado Bravo», tem, pelo menos, esse mérito. É um espectáculo afinado, certo, onde todas as coisas jogam bem umas com as outras, como as peças delicadas dum mecanismo.

Não deve parecer-lhe mal que seja eu, um dos autores do filme, quem venha fazer-lhe o elogio do «Gado Bravo». Mas comeci por lhe dizer que tenho a petulância de separar muito nitidamente os meus direitos de crítico dos meus deveres de realizador. E o crítico que lhe fala. O crítico que viu um filme como outro qualquer, tão imparcialmente como veria qualquer outro. Mais: de peito feito para desco-brir-lhe os mínimos deslises enquanto é tempo...

Além disso, isto é uma carta particular, uma carta fechada. Muito pesaroso ficaria se divulgasse as minhas confidências... Mal do mundo, se nem aos nossos amigos pudéssemos dizer exactamente o que nos vai cá dentro, quer seja lisonjeiro ou desagradável para nós próprios! Porisso não tenho escrúpulo de dizer o que disse dessa obra em que pus todo o meu amor ao cinema, todo o meu amor a Portugal ou, se preferir, apenas, — todo o meu Amor.

Paris, Maio de 1934.

*António Lopes Ribeiro*





## Página de

# Elucidação Cinematográfica

### Como se fazem os desenhos animados

Um filme de bonecos animados não é obra exclusiva de um único artista. Cada chefe de produção — que neste caso é igualmente o desenhador — se bem que seja o criador dos seus bonecos, trabalha sempre com a colaboração dum grupo de artistas subordinados, que formam, com os músicos e os fotógrafos, todo o pessoal do seu pequeno estúdio.

Vejam os como «nasce» um filme de desenhos animados.

Antes de começar os trabalhos, o chefe de produção organiza uma conferência entre todos os seus ajudantes afim de que cada um exponha o seu ponto de vista no que diz respeito ao assunto e aos personagens a criar. Inventam-se, assim, nos seus traços gerais, a história do filme. Todas as sugestões aceitáveis são anotadas e, por elas, o chefe dos desenhadores prepara o cenário da sua nova produção.

Em seguida convoca-se outra reunião geral para se procurarem e escolherem os *gags*. Tome-mos um exemplo: uma cena desenrola-se numa cave ao fundo da qual há uma escadaria. Um dos artistas presentes lembra-se, ao pensar nessa cena, que os degraus da escadaria, sendo pisados por um dos personagens, podem funcionar como um imenso acordeon ou o teclado dum piano. Aí está um *gag* a aproveitar. E assim por diante...

Os músicos do estúdio determinam em seguida o género de música que convém a cada *gag*, e o trecho escolhido tanto pode ser *La Prière d'une Vierge* como um *slow-fox*, a *Marcha Nupcial* ou uma valsa vienense... O ritmo é marcado rigorosamente com a ajuda dum metrónomo e a duração do trecho musical fixada com precisão por meio dum cronómetro de segundos.

Depois passa-se à execução propriamente dita.

Os quadros da acção (paisagens, interiores, ruas, etc.) são desenhados em primeiro lugar. Terminado este trabalho, os desenhadores tratam de animar as diferentes cenas. Isto quer dizer que tem de ser feitos milhares de desenhos, para cada fita, de maneira que se consiga dar-lhes verdadeira vida quando montados em série e projectados em sucessão rápida sobre o écran.

Cada desenhador encarrega-se duma série de cenas nas quais as principais atitudes dos bone-

cos já foram esquisadas pelo desenhador chefe. Os desenhos são feitos em papel transparente afim do animador poder ver as linhas do seu desenho precedente quando coloca uma nova fôlha em branco sobre o crôquis terminado. Sobre esta nova fôlha ele repete o desenho anterior, mas altera ligeiramente a posição dum braço, ou da cabeça, ou duma perna, ou do corpo do boneco que está «movimentando» e isto em qualquer sentido, conforme os casos, e tantas vezes quantas forem precisas para completarem harmoniosamente o movimento iniciado no primeiro desenho.

Quando o filme está terminado, ao fim de alguns milhares dessas fôlhas de papel, os desenhos são passados para fôlhas de celuloide transparente das mesmas dimensões. Tanto as fôlhas de papel como as de celuloide foram previamente perfuradas ao alto, de forma a adaptarem-se rigorosamente a duas cavilhas que se encontram na parte superior das mesas de desenho. Como se empregam exclusivamente tintas a água, essas fôlhas de celuloide, uma vez filmadas, podem ser lavadas e empregar-se de novo.

Findo o trabalho de transposição para as fôlhas de celuloide, onde os bonecos são terminados, cada fôlha é numerada pelo artista encarregado da supervisão, passando-se finalmente à filmagem.

As câmeras utilizadas para este fim encontram-se, fixas, perpendicularmente às pranchetas onde se colocarão as fôlhas a filmar e diferem das câmeras usuais visto registarem, apenas, uma imagem por cada volta de manivela. Para bem dizer, nem da manivela se faz uso. Os fotógrafos empregam um pedal que, a cada pressão, obriga o aparelho a fixar uma imagem.

Estamos agora no campo da fotografia e o operador tem uma média de quinze mil fôlhas de celuloide para fotografar.

O «décor» de fundo da primeira cena é colocado sob a objectiva. Uma a uma, prendendo-as às cavilhas da sua mesa de trabalho, o operador coloca as fôlhas representando as personagens e vai-as filmando sucessivamente, ao mesmo tempo que altera os «desenhos de fundo» sempre que seja preciso.

Terminada a filmagem seguem-se, como para qualquer outro filme, os trabalhos de revelagem, positivagem, sonorização e montagem final. E eis a fita pronta a exhibir.

Como os senhores já podem avaliar, um filmezinho de desenhos animados, que tem cerca de cem metros e não leva mais de dez minutos a passar, não é brincadeira nenhuma que se faça em dois dias e com «uma perna às costas».



# O recital de Conchita Ulía

Um dia escrevi eu que pouquíssimas coisas havia, para mim, tão agradáveis como dizer bem, consciente e convictamente. Por isso começo a escrever esta crónica com alegria.

Mas antes de começar, e para que às minhas palavras seja dado o valor que, na realidade, teem, cumpre-me fazer uma declaração. Eu não gosto de canto. Que os apaixonados desta arte se não irritem. A sua irritação, por ser inútil, tornar-se-á ridícula, e inútil sê-lo-á de-certo, dada a nenhuma consideração que eu tenho por desconhecidos.

Lamento, mas é assim mesmo. Eu não gosto de canto, quando se trata de cantar estas coisas complicadas e difíceis em que há gargarejos, gorgeios, gritos perfeita e claramente selvagens — estas coisas que são um martírio para o ouvido, em que se não entende uma palavra, mas com que os velhos frequentadores do falecido «Lirico» caem beatamente em êxtase para virem depois dizer aos outros, acenando gravemente as cabeças decrépitas, como pinguins sensatos: «Canta bem! tem muita escola!»

Ginástica de garganta, não me interessa. Prefiro a de Müller, com a qual me dou bem, há muitos anos.

Ora, Conchita Ulía encantou-me. Encantou-me por tudo: pela sua simplicidade, pelo timbre gentil de sua voz, pela sua inteligente e clara compreensão da música e da letra das canções que nos disse, pelo requintado bom gosto com que escolheu estas canções.

Extraordinariamente expressiva, sóbria, senhora pela voz, pelo gesto, sua arte é feita de finura elegante e doce melancolia.

Sente-se que não há esforço nem cálculo na sua maneira de cantar, que não há nos seus gestos efeitos procurados nem estudada espectacularidade. Ao contrário. A artista vive com simplicidade inexcedível e sinceridade encantadora a amargura, a ironia, a tristeza do seu personagem. E a ausência das velhas «ficelles» e dos costumados «trucs» é tão perfeitamente completa que quasi nos convencemos de que não há ali alguém que interprete alheias emoções, mas alguém que nos conte, naturalmente, os passos da sua vida.

As vinte e poucas canções que cantou, enfeudadas tôdas a uma directriz definida, falam-nos claramente da psicologia da artista que veio cantá-las.

Em tôdas há a mesma enternecedora e feminina passividade ante o destino, a mesma triste melancolia sem revolta, a mesma doce ironia, a mesma resignada amargura.



Conchita Ulía foi particularmente aplaudida em «A Rosa dos Caracóis» letra deliciosa do nosso camarada e amigo Leitão de Barros, deliciosamente musicada pelo maestro Frederico de Freitas, que acompanhou a artista, e na Canção brasileira «Tenho uma raiva de você» que foi obrigada a repetir.

No entanto, o público aplaudiu sempre largamente e justamente. Pela minha parte — e eu, que não gosto de canto, gosto infinitamente de ouvir cantar assim, ficaram-me de memória, marcadamente, algumas canções:

«Acuerdate de mí», «Parlez-moi d'amour», «Tu ne sais pas aimer», e sobretudo, «Parlez-moi d'autre chose».

Esta última é, de resto a preferida da própria Conchita Ulía, segundo me disse, em conversa, no fim do recital.

Minhas Senhoras e meus Senhores: quem tivesse assistido ao recital de Conchita Ulía, no São-João, e contasse as pessoas que lá se encontravam não acreditaria encontrar-se na segunda cidade de um país civilizado. Conchita Ulía volta ao Pôrto no próximo dia 12. É necessário que o teatro se encha para que esta artista que é, em qualquer parte, uma grande artista, seja aplaudida não apenas por uma escassa meia dúzia de pessoas, mas por todos aqueles que no Pôrto tenham um pouco de bom gosto, um pouco de elegância e saibam compreender e amar as tão raras coisas belas da vida.

Armando Vieira Pinto





MOVIMENTO inicia hoje a publicação de uma série de fotografias de algumas das nossas mais gentis vedetas teatrais que gostariam de fazer cinema. Começamos por Margarida de Almeida, e parece que não começamos nada mal.

Margarida de Almeida! Todos a conhecem, não é verdade?

Todos sabem de cor a sua figurinha deliciosa, pequenina, insinuante; o seu sorriso meigo e travesso; a sua distinção, a sua voz harmoniosa e suave.

Margarida de Almeida, que além de admirável actriz é uma notável bailarina, tem tôdas as condições para triunfar num filme.

Acredite, Margarida, o cinema espera por si.



# CONCURSO

*Gustavo Froelich*

Meninos:

Vocês perdoem a familiaridade. Isto não é por mal. Nasci assim. E não mudo. Mas vamos lá ao que interessa. Vocês são tremendos! Obrigá-los a gente a escrever sobre o Gustavo Froelich é uma barbaridade, uma impertinência, mais! uma indiscrição. Pois vocês não compreendem que não é possível a uma rapariga de bom gosto, ao escrever sobre o Gustavo Froelich, esquecer o homem, para falar simplesmente do artista?

Vocês compreendem isso perfeitamente. E apesar-de vos não conhecer era capaz de afirmar que já foi com um certo intuitosinho reservado — reservado e inconfessável, senhores do MOVIMENTO! — que vocês escolheram este amor — mau! lá me ia descaindo! — este rapaz, para o vosso concurso.

Foi! Foi com certeza! Vocês disseram lá para com os seus botões, ou para com os botões uns dos outros: «Vamos pôr aqui o Gustavo Froelich, a ver o que elas dizem!...» E elas, é claro, disseram. E vocês, é claro, gosaram, gosaram muito, gosaram como uns pretos. Se calhar gosaram até muito mais do que os pretos da Exposição Colonial.

Pois muito bem, meninos. Comigo o caso muda de figura. O Gustavo Froelich interessa-me tanto como artista, quanto me interessa pouco como homem. No fim da minha carta vos direi porquê. Mas não se trata de qualquer segredo maquiavélico. Trata-se, pelo contrário, da coisa mais natural deste mundo. Eu sei que vocês estão a pensar: «Pois sim minha rica! Isso não pega!» E continuam a enganar-se.

É uma coisa fantástica, como os homens se enganam a respeito das mulheres. Ora vamos lá, a ver! Filmes do Gustavo Froelich: «Não quero saber quem és»; «Uma canção, um beijo, uma mulher»; «Asfalto»; «O Canto do prisioneiro», etc., veem vocês? Ora aí está,

Adeus, meus caros. E agora vou dizer-vos porque me interessa mais o artista do que o homem. É que o homem está longe. Que se estivesse perto...

*Mariazinha*

*Brigitte Helm*

Protesto! Essas coisas de serem sempre as raparigas quem ganha os concursos ainda há de acabar mal. Desconfio que vocês fazem batota. E isso não é bonito! Tanto mais que vocês passam a vida a repontar, contra as injustiças dos outros.

Bom. Agora falemos sério.

Vocês lembram-se da «Metropolis»? Nunca mais me esqueceu aquela cena tremenda da fascinação. Aquela fuga contínua, torturante, alucinante, aquela fuga que parecia um pesadelo, enquanto a luz crua da lanterna do constructor de autómatos perseguia inexoravelmente, impiedosamente, implacavelmente...

Para se fazer aquilo é necessário ser-se uma grande, grande artista!

E lembram-se dos outros filmes da Brigitte? «Glória», «O Amor de Joana Ney», «Viagem de Núpcias», todos?

Fiquei contente quando vocês a escolheram para o vosso concurso. Parece-me que ela é, do trio: Marlène, Garbo, Brigitte, a mais humana, a menos cerebral. Vocês recordam-se da «Piedosa mentira de Nina Petrovna»? Vejam se dentro do tipo invulgar da Brigitte, aquilo tudo não é profundo, sincero, dolorosamente humano!

Vocês recordam-se da «Crise»? Vejam se tudo aquilo não é assim, desde o próprio des-trambelhamento nervoso, tam feminino, até ao ascendente íntimo que o marido continuava a manter, apesar-de tudo, incompreensivelmente, sobre mulher?

Por tudo isto, fiquei contente com a vossa escolha. Sirva-me isto de consolo para não ganhar o prémio.

*A- pesar-do sucesso conquistado entre os nossos leitores por este «CONCURSO», sucesso que excedeu, em muito, aquilo que esperavamos, vamos encerrá-lo no presente número. MOVIMENTO, ao iniciar o seu 2.º ano de publicação, vai aparecer em moldes completamente novos, desde a capa à última página. E os concursos não serão esquecidos.*



# Cinematografia Portuguesa

Continuação do n.º 20

Depois do pequeno filme «*Um concurso... Um filme... Uma estrela...*», argumento de Fernando Fragoso e Simões Dias, com legendas de José da Natividade Gaspar, realizado por António Lourenço, com fotografia de Artur Costa de Macedo. Foram principais intérpretes deste filme, comemorativo do 5.º aniversário da revista «Cinéfilo»: Ivone de Melo, Jenny Pratas, e Augusto Fraga.

Ainda outra interessante nota do ano cinematográfico nacional foi a ideia da fundação, em Coimbra, do «Cine Clube Português», que, infelizmente, não teve ainda realidade ou realização e a organização, no Porto, da «Sociedade Portuguesa de Cinematografia», de que foi a alma-mater o cinéfilo português João Santos, redactor da revista «Cinema». Esta sociedade propõe-se ser uma academia cultural cinematográfica, contando apenas 40 sócios, como a «Academia Francesa».

No «Diário do Governo», de 14 de Agosto publica-se um decreto proteccionista da cinematografia nacional (Decreto-lei n.º 22:066) o qual, no seu artigo 1.º, isenta, durante cinco anos, a contar da data da sua constituição, a «Tobis Portuguesa» do pagamento das contribuições predial e industrial e bem assim dos direitos de importação de maquinismos, aparelhos e materiais necessários ao estabelecimento e exercício da sua indústria. E, no artigo 2.º, equipara, para o efeito do pagamento de impostos, aos espectáculos de declamação os espectáculos cinematográficos em que dois terços, pelo menos, dos filmes sonoros exibidos tenham sido produzidos em estúdios nacionais. Ainda, no seu artigo 3.º, obriga os importadores de filmes sonoros estrangeiros a adquirir, para exhibição em Portugal, filmes sonoros produzidos em estúdios nacionais, na metragem que for anualmente fixada pelo Governo, em harmonia com as condições da produção nacional.

Em Novembro exhibiu-se pela primeira vez, em Lisboa, no S. Luis Cine, a *Canção de Lisboa*, o primeiro fono-filme da «Tobis Portuguesa», filmado por Barreyre e César de Sá e que teve como chefe de montagem sonora Madame Tonka Taldy, como engenheiros do som o Dr. Wolhrab e Paulo de Brito Aranha, com caracterizações de Chakatonny e director de produção João Ortigão Ramos. A música do filme é original de Jaime Silva, Raúl Portela e Raúl Ferrão e os diálogos e versos do Dr. José Galhardo. Principais intérpretes: Beatriz Costa, Vasco Santana, António Silva, Ana Maria, Silvestre Alegrim, Sofia Santos, Tereza Gomes, Manuel de Oliveira, Eduardo Fernandes, Santos Carvalho, Alfredo Silva, Artur Rodrigues e Maria Albertina. Realizador: Cottineli Telmo.

Ainda em 1933 há a notar a fundação do «Grupo Unido dos Amigos do Cinema de Portugal», que realizou um filme: *O Amor vence a Ciência*, desempenhado por amadores, entre os quais: Lúcia Mazarini, Marcelo Soares Ribeiro (seu realizador e um dos fundadores do G. U. A. C. P.) e Rui de Moura. Este filme foi feito para concorrer, como de facto sucedeu, ao Concurso Internacional de Filmes de Amadores, concorrência que se deveu, em grande parte, à iniciativa e esforço do culto cineasta amador Dr. António de Menezes. *O Amor vence a Ciência* foi apresentado em Lisboa, em exhibição particular.

Quero ainda apontar um filme começado, do qual chegaram a filmar-se algumas cenas (em Coimbra, pelo menos): *O Milagre da Rainha*, reconstrução da formosa lenda da vida da Rainha Santa Isabel: o «milagre das rosas» e cuja acção, é claro, se passaria em Coimbra. Seria produção da S. U. S. (Sociedade Universal de Super-filmes), realização de António Leitão, tendo como assistentes Herculano Levy e Palhares de Almeida, e fotografia de Maurice Laumann. Os intérpretes principais seriam: Gina Froes, Lina Fontoura, Heloisa Clara, António Fagim, Machado Correia, Santos Júnior e Eugénio Santos.

Antes de fechar estas breves e sucintas notas acerca da Cinematografia Portuguesa, não esquecerei uma referência saudável e comovida à primeira tentativa de realização de um fono-filme nacional, a qual teve lugar no ano de 1907.

Porque foi nesse arredado ano que João Freire Correia realizou, diante dum arcaico cenário armado num velho pátio da rua da Palma e com o auxilio de dois motores eléctricos e de dois fonógrafos, o primeiro fono-filme português, para o qual a célebre e malograda actriz Júlia Mendes cantou a cançoneta «Grisette», que fazia parte do seu repertório.

Como nota à margem da Cinematografia Portuguesa não quero deixar de me referir a alguns filmes estrangeiros, filmados, no todo ou em parte, no nosso país ou com motivos portugueses. A abrir a série «Parisette», da Gaumont, que possuía exteriores filmados entre nós, nomeadamente nos Jerónimos, para o que viera, em 1922, a Portugal um grupo chefiado pelo realizador Louis Feuillade e de que faziam parte: Sandra Millowanoff, Edouard Mathé, Gaston Michel e o malogrado artista que se popularizou com a criação de «Barrabás» e que veio encontrar a morte no nosso país.

Em 1924 uma empresa alemã mandou a Portugal os dois intérpretes principais do filme *A Grande Aventureira*: Liane Hayd e George Alexander, que filmaram várias cenas, em Lisboa, no Jardim Botânico, no Terreiro do Paço e no Estoril, cenas que foram intercaladas no filme, depois exibido no Olímpia.

Lisboa e Coimbra também serviram de quadro para muitas cenas de *A Fonte dos Amores*, que Roger Lion dirigiu e que foi interpretado por Gil Clary, Maxudian (no papel de Lucas, o estudante crónico), Suzy Primm, Michel Simm e Jeannine Merrey, e que foi projectado no Tivoli, em começos de 1925.

De *Capas Negras*, já falei a certa altura destas notas. Um filme americano, da «First National», realizado em 1923 e que tem por título «Myson» teve por personagens gente portuguesa, pois a sua acção passa-se entre a nossa colónia de Massachussets, e as duas figuras principais são dois emigrantes, mãe e filho, interpretados, respectivamente, por Alla Nazimova e Jack Pickford.

O boxeur português Santa, o «Santa Camarão» tomou parte no filme alemão *Amor no ring* (1931) realizado por Reinhold Schunzel, filme em que havia cenas dialogadas em português por José Santa e Artur Duarte. Este último artista entrou em dezenas de filmes alemães, alguns dos quais, como por exemplo, *O navio de cristal*, foram exibidos em Portugal.

A «Paramount» também fez três edições portuguesas de fono-filmes seus: *A canção do berço*, *A mulher que ri* e *A minha noite de núpcias*. Na primeira (1930) tomaram parte: Ester Leão, Corina Freire, Raúl de Carvalho, Alexandre de Azevedo, Sacramento, Alves da Costa, e o pequeno Guilherme Reis. O realizador foi o brasileiro Alberto Cavalcanti. A segunda (1931) foi interpretada por Ester Leão, Corina Freire, Maria de Carvalho, Helena de Azevedo, Sacramento, Raúl de Carvalho, Alexandre de Azevedo e Alves da Costa. Quanto ao filme «A minha noite de núpcias», foram seus intérpretes: Beatriz Costa e Leopoldo Froes.

Mais recentemente, há poucos meses, concluiu-se um fono-filme da «First National»: *Spent et Bullets* (Balas de papel) cuja acção, em parte, decorre em Lisboa. Foi dirigido por Wilhelm Dieterlé e o seu protagonista é Richard Barthelmess, o conhecido herói da «Patrulha da Alvorada». Para *criar atmosfera* para as cenas que se supõem passadas em Portugal, foram contratados todos os portugueses e brasileiros que foi possível encontrar em Hollywood, entre os quais os nossos compatriotas Silvino da Silva, Rod de Medeiros e o jornalista cinematográfico L. S. Marinho e os brasileiros Rodolfo Galante, Paulo Portanova, Natalina Guilherme, Rosário San Marco, Leão de Leon e Zacarias Jaconelli.

Coimbra, Janeiro de 1934.

José Brandão



# Estação de serviço

## Sala de Espera

No desejo de melhorar tanto quanto possível a nossa revista, criando novas secções, embelezando as suas páginas, patenteando uma força vital sempre crescente, «MOVIMENTO», que vem remodelando-se periodicamente desde o seu primeiro número, vai transformar-se radicalmente ao entrar no seu segundo ano de publicação.

Estamos de mãos à obra com o trabalho de rejuvenescimento que se impunha a uma revista como a nossa, moderna, fogosa, criada por gente moga e para gente moga. Aceitamos, pois, e agradeceremos sempre, todos os alvites, tôdas as sugestões todos os pareceres daqueles que nos leem — vós todos, rapazes e raparigas, nossos amigos dedicados a quem, de verdade, «MOVIMENTO» pertence...

Escrevam-nos sem receio de nos virem importunar. Façam-nos de «MOVIMENTO», apontem-nos as secções que preferem, digam-nos de que artigos gostaram mais e não temam dar-nos novas ideias ou acusar os nossos erros... «MOVIMENTO» é vosso. E todos vocês, amigos que o sois, podeis colaborar assim conosco e ajudar-nos a fazer a nossa revista totalmente ao vosso agrado.

E nós empenhar-nos-emos, com todo o nosso esforço, para que «MOVIMENTO» continue a ser, em Portugal, a melhor revista de cinema.

Podermos continuar orgulhando-vos disso, será a nossa maior recompensa.

## Expediente

INSUL — Perdeu, mas não fique triste. Há muitos mais nas suas condições. Tente novamente.

J. J. G. P. SILVA — Ficou eliminado. A sua crónica era demasiado pequena e fraquita. Não sei porque diabo é, mas vocês dizem sempre as mesmas coisas...

J. M. LOTECOS — A sua prova para o concurso de colaboração é muito singela e repete os habituais lugares-comuns... Falta-lhe «bouquet» como diria Monsieur Laval...

JOANES — Ao meu amigo faltam duas coisas importantíssimas para ter possibilidades de ser admitido ao concurso de colaboração: 1.º exame de instrução primária, 2.º imaginação.

ANTÓNIO CARVALHO — Não tenha tanta pressa. De resto de nada lhe serve porque, neste momento, não sei ao certo onde param os dois artistas porque pergunta. Se eu adivinhasse...

THE KING OF THE CINE — Se não encontrou em números precedentes resposta à carta a que faz referência é porque não cheguei a recebê-la. Que me dizia você nessa carta? Para aprender a dançar o «rafeiro» é melhor dirigir-se à nossa amiga e nossa colaboradora «Luz Branca». Ela sabe daquilo como gente grande... Não conheço pessoalmente M.<sup>lle</sup> Insensível. «Gado Bravo» estreiar-se-á em princípios de Junho.

RO. MO. JO. — Experimente outra vez. A sua crónica tinha pouco interesse.

CINÉFILO PURO — Diga adeus aos cinqüenta escudos. A sua crónica era fraquinha. Não perca as esperanças, mas para outra vez veja se apresenta progressos.

PEDRO MARNEL — Muito obrigado pelas suas felicitações. Não sei a direcção de Nita Brandão em Paris mas é natural que escrevendo-lhe para o Bloco H. da Costa. Avenida da Liberdade, Lisboa, daí lhe envie a sua carta. Mas também pode acontecer que ela não responda...

CINÉFILO LISBOETA — Você há-de escrever com menos floreos, sim?... E veja lá se diz coisas com geito.

Não sei quando se exibirá «Casanova» em Lisboa. Luiz Guedes e Vieira Pinto agradecem as felicitações,

ALMITA GENTIL — Achava mais engraçado o seu anterior pseudónimo. Eu já supunha que você se tivesse esquecido de nós... Esperei «seculos» pelas suas notícias!... Afinal vejo que o seu prolongado silêncio foi apenas o resultado dumas semanas de preguiça... Alegro-me por saber que gostou muito de «Oito Raparigas num barco». O sonho é de facto um dos melhores fragmentos do filme. «Viagem de Nupcias» é uma comédia muito agradável e tem algumas coisas lindas a valer. Você também é radiofila?? Venha cá, venha cá, isso interessa-me. De que marca é o seu receptor? Que estações costuma ouvir? As emissoras do Porto chegam até aí? Também ouvi o concerto dos «Cossacos do Don», transmitido pela Emissora Nacional, e gostei.

PAULO POMBO — Você chegou a ter 90 probabilidades contra 100 de ganhar o concurso... Mas à última hora o vento correu-lhe contrário e perdeu. Todavia alegre-se, a sua crónica era das melhores. A sua carta dirigida ao nosso director tinha ainda o mérito de ser extremamente simpática e eu estou encarregado de lhe transmitir os mais sinceros agradecimentos pelas suas palavras amáveis. E não perca a confiança na sua sorte. Talvez noutra ocasião ganhe os cinqüenta escudos... É questão de tentar.

JOÃO — Você, também, esteve em muito boa posição para ganhar um dos prémios do último concurso. Mas, a si, igualmente, a sorte foi desfavorável. Acontece isso a muito boa gente... por isso não desanime. Obrigadinho pelo seu abraço de incondicional admiração.

BRITO LOBATO — Suponho que «Gado Bravo» está prestes a sair do curro. Se o filme será bom ou mau não o poderei dizer senão depois de ele ter sido exibido. Mas não custa nada ter um bocadinho de confiança.

MARXISTA CINÉFILO — Muito obrigado pelas suas palavras de amizade. De resto você dá-nos a alegria de nos fazer justiça colocando MOVIMENTO à frente de tôdas as revistas cinematográficas portuguesas. Ai vão as direcções que deseja: *Nuestro Cinema*, 7, Rue Broca Paris (dirigida por Juan Piqueras, *Close Up*, 26, Litchfield Street, Charing Cross Road, w. c. 2 Londres (dirigida por K. Macpherson) e *Documents* 34, 6, Rue Gabrielle, Bruxelas (dirigida por Stéphane Cordier). Nenhuma dessas revistas se vende actualmente em Portugal. «Documents 34» é uma publicação mensal de literatura, filosofia e cinema. Não tem nada que agradecer.

PRÍNCIPE MORENO — Você fez muitíssimo bem em me escrever e eu terei sempre muito gosto em receber as suas cartas. A idea da criação do club cinematográfico não está de todo abandonada. Está apenas posta de lado até ver. O Número de Verão (não se esqueça de se inscrever) está-nos dando muitíssimo que fazer e as nossas possibilidades e energias estão tôdas concentradas para a realização e lançamento desse número. Obrigado por tôdas as suas amáveis palavras de simpatia.

## Apartado n.º 13

THE KING OF THE CINE — (Porto)... acede a corresponder-se com Cinéfila Lisboaeta e espera a primeira carta, que lhe deve ser enviada por intermédio de MOVIMENTO.

PEDRO MARNEL — (Vizeu)... deseja corresponder-se com cinéfilos portugueses.

CINÉFILO LISBOETA (Lisboa?)... oferece o primeiro número de MOVIMENTO ao primeiro leitor que lho solicitar.

Amak





Jfox Pictures

Quer V. Ex.ª sorrir assim, feliz de possuir uma linda pele? Use os produtos de beleza RAÍNHA DA HÚNGRIA cuja fama é mundial.

**M.<sup>me</sup> Campos, L.<sup>da</sup>**

Avenida da Liberdade, 35  
LISBOA



**O R S E C**

de

**Irmãos Oliveiras**

Constructores de aparelhos para

**CINEMA SONORO**

**RADIOEMIÇÃO**

**RADIORECEPÇÃO**

Pôsto emissor e oficinas

R. dos Caldeireiros, 113

**P O R T O**

**A GARANTIA DE 12 ANOS  
DEDICADOS PROFISSIONALMENTE À RADIOELECTRICIDADE**

**A Imprensa  
Portuguesa**

*é perfeita em todos  
os seus trabalhos.*

**11**

**108, Rua Formosa, 116**

**Telefone, 1466**

**PORTO**



**O. Kay!**

Enviamos pelo avião-foguete.  
Mas, não esqueça que tem de  
anunciar

**Camisolândia!**



# Os refrigeradores CROSLEY!...

Oferecem 14 vantagens que nunca serão iguais



2 COLUMN D-35

- 1 - Regulador para variação de temperatura.
- 2 - Comutador para os desgêlo.
- 3 - Desligador termal para proteção do motor.
- 4 - Parte superior plana.
- 5 - Pés altos para facilitar a limpeza.
- 6 - Prateleiras com barras achatadas.
- 7 - A mais perfeita isolação.
- 8 - Consumo mínimo de energia,
- 9 - Máximo de capacidade útil.
- 10 - Mecanismo refrigerador desmontável.
- 11 - Interior de porcelana.
- 12 - Blocos de gêlo em abundância.
- 13 - Interior iluminado.

**ÚNICO!... - Unidos do shelvador CROSLEY patenteado em todo o mundo.**

Um refrigerador CROSLEY será montado em casa de V. Ex.<sup>as</sup> em 5 minutos.

Brevemente a chegar a primeira grande remessa.

Vendas a pronto e a prestações até um ano.

PEDIDOS AOS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

## CASA FORTE BAZAR S. A. R. L.

Rua Sá da Bandeira, 281

Telefone, 2425

Rua Santa Catarina, 20

PORTO

Pôsto Emissor C. S. I. C. F.





Projecto do architecto  
JOÃO QUEIRÓS

○  
PRIMEIRO  
PRÉMIO

DO NOSSO  
NÚMERO  
DE VERÃO